

# **O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO**

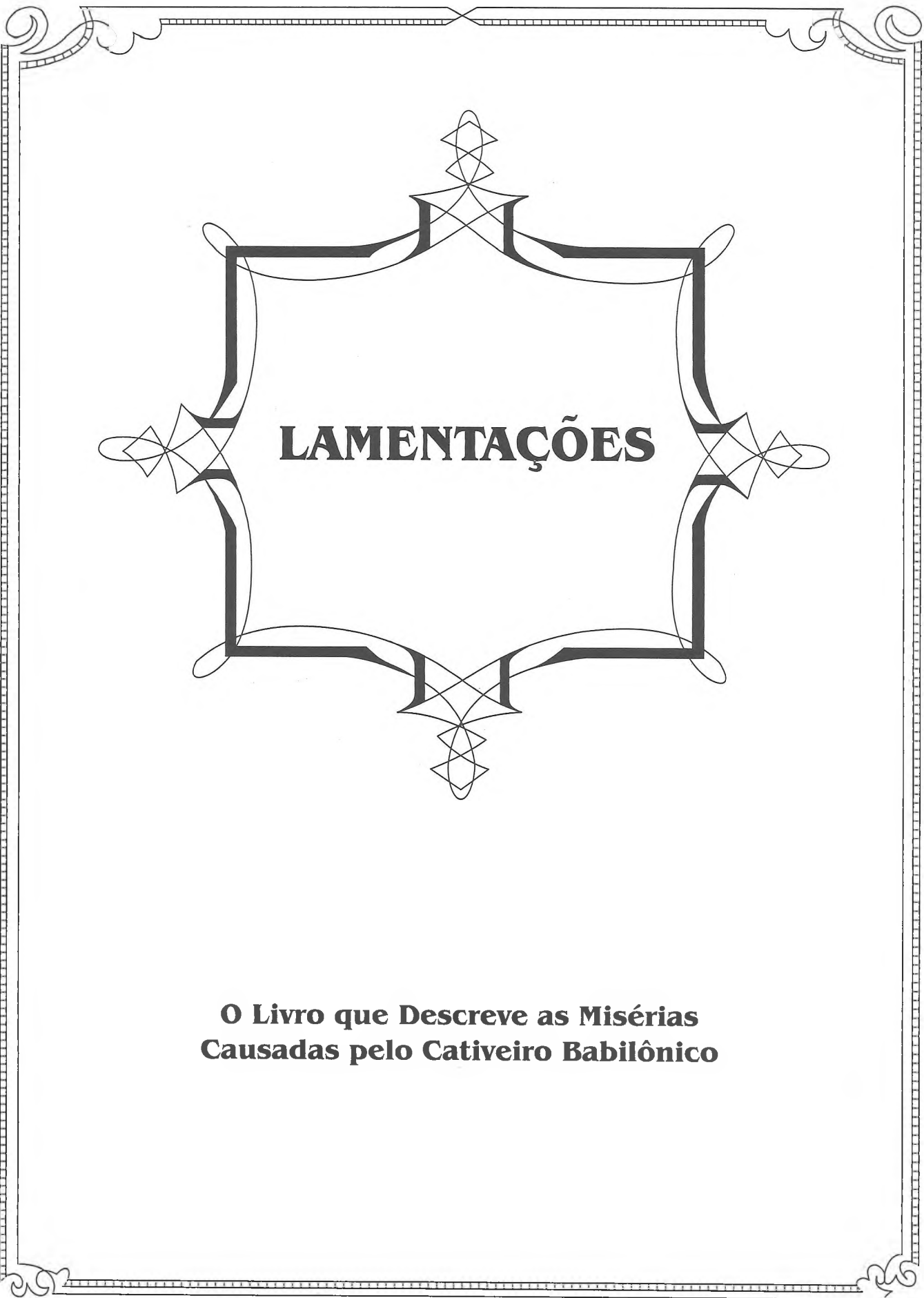
**VERSÍCULO POR VERSÍCULO**

**Autor**

**R. N. Champlin, Ph. D.**

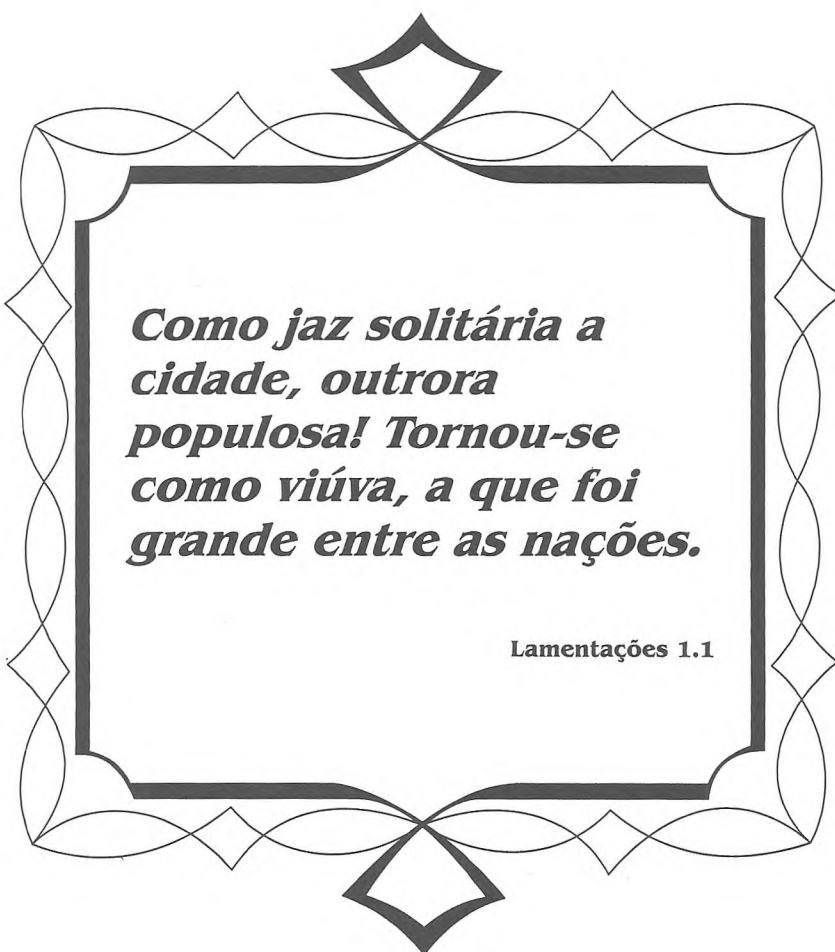
## **LAMENTAÇÕES**





# **LAMENTAÇÕES**

**O Livro que Descreve as Misérias  
Causadas pelo Cativoiro Babilônico**



***Como jaz solitária a  
cidade, outrora  
populosa! Tornou-se  
como viúva, a que foi  
grande entre as nações.***

**Lamentações 1.1**

**Lamentações**  
**5 Capítulos**  
**154 Versículos**

## INTRODUÇÃO

### Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Nome do Livro
- III. Autoria e Data
- IV. Propósitos e Teologia do Livro
- V. Estilo Literário
- VI. Conteúdo
- VII. Bibliografia

### I. Caracterização Geral

Este livro faz parte da terceira divisão do cânon do Antigo Testamento hebraico, que os judeus chamavam de “escritos” ou “rolos”. O livro de Lamentações consiste em cinco poemas que correspondem ao que, modernamente, chamamos de “capítulos”. Esses poemas foram escritos segundo a métrica *kina*, ou de *lamentação*. Provavelmente, o livro foi escrito no século V A.C., provocado pela grande calamidade que se abateu sobre Jerusalém, com o conseqüente cativo babilônico. Esses poemas foram compostos na própria cidade de Jerusalém, ou, então, já na Babilônia. Os primeiros quatro poemas são *acrósticos alfabéticos*, o que significa que cada grupo de versículos começa por uma letra diferente do alfabeto hebraico, que consistia em vinte e duas letras. A quinta estância tem o mesmo número de versículos que o alfabeto hebraico. Todos esses poemas foram compostos ou adaptados para a recitação pública em dias de jejum e lamentação (ver Jer. 2.15-17; Sof. 7.2,3), notadamente no nono dia de Abe (agosto), que comemorava especificamente o desastre babilônico. O primeiro, o segundo e o quarto poemas foram compostos como lamentações fúnebres. Jerusalém é apresentada como o falecido. O terceiro poema foi composto no estilo de uma lamentação individual, com a característica usual de que uma figura masculina (e não feminina) é que personifica o povo ou a própria cidade. O quinto poema consiste em uma lamentação coletiva. Esse poema faz lembrar as liturgias usadas em tempos de tristeza nacional, conforme se vê nos Salmos 74 e 79. O tema comum de todos os cinco poemas é a agonia da nação judaica e o aparente abandono de Sião por parte de seu Deus, bem como a esperança de que Deus ainda haveria de restaurar uma nação humilhada e arrependida.

Antigas tradições têm atribuído esse livro ao profeta Jeremias, porém muitos eruditos modernos encontram razões para duvidar dessa opinião. O próprio livro é anônimo, pelo que aquilo que cremos sobre sua autoria depende de nossa confiança ou desconfiança nessa tradição, bem como de outras evidências que pesam sobre a questão. Ver a terceira seção quanto à discussão a respeito.

### II. Nome do Livro

No hebraico, este livro chama-se *ekah*, “como”, a primeira palavra do livro, no original hebraico. Mas também tem o título de *qinah*, “lamentação”. Naturalmente, isso alude ao caráter de deploração do livro inteiro. Conforme disse certo autor: “... cada letra foi escrita com uma lágrima; cada palavra com o pulsar de um coração partido”. O título do livro, na Septuaginta, é “Cânticos Fúnebres”. O título do livro nas modernas línguas européias—como em português—vem da Vulgata Latina, com base no vocábulo latino *lamentum*, “clamor”, “choro”, “lamentação”. Na Vulgata Latina o título específico é *Lamentationes*.

### III. Autoria e Data

A tradição que atribui o livro de Lamentações a Jeremias é antiqüíssima. O trecho de II Crô. 35.25, embora não faça alusão às lamentações que compõem o livro, mostra-nos que Jeremias compôs esse tipo de material literário. Alguns eruditos percebem a dicção de Jeremias no livro, mas outros pensam que o estilo é bastante parecido com o dos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías, o que já aponta para outro autor. O trecho de Lam. 3.48-51 parece similar às expressões de Jer. 7.16; 11.14; 14.11-17 e 15.11. Alguns sentem o espírito

de Jeremias no livro, o mesmo temperamento sensível, uma profunda simpatia para com as tristezas de Israel, e as mesmas emoções soltas a respeito do desastre provocado pela invasão dos babilônios.

*Contra a autoria de Jeremias*, temos os seguintes argumentos:

1. Os paralelos listados anteriormente, entre Lam. 3.48-51 e certos trechos do livro de Jeremias, certamente indicam a narrativa feita por uma testemunha ocular sobre aquilo que os babilônios fizeram contra o povo de Israel. Contudo, essa testemunha ocular não precisa ser identificada obrigatoriamente com Jeremias, porquanto o autor do livro pode ter sido outra testemunha daqueles fatos.
2. O quinto poema reflete uma espécie de lassitude induzida por anos de ocupação estrangeira, o que é contrário ao que sabemos sobre a história envolvida. Jeremias permaneceu apenas algumas semanas na Palestina, após a captura de Jerusalém.
3. *O Argumento Literário*. Os extensos escritos de Jeremias (no livro que sabemos ser de sua autoria) não apelaram para a poesia, e muito menos para a forma específica de poemas acrósticos.
4. *O Argumento Histórico*. Em tempos posteriores, muitos oráculos foram coligidos em nome de Jeremias, quando, como é óbvio, esses escritos não foram de sua autoria. Os poemas do livro de Lamentações poderiam estar entre esses oráculos. Se realmente eram de sua lavra, por que motivo Jeremias não os identificou como seus? E por que motivo não foram incluídos como parte de suas profecias? No livro de *Jeremias*, o autor identificou-se claramente (ver Jer. 1.1).
5. *Diferenças de Pontos de Vista*. As declarações de Lam. 2.9; 4.17 e 5.7, de acordo com certos estudiosos, diferem dos pontos de vista da profecia de Jeremias. Porém, muitos outros estudiosos vêem nisso mera avaliação subjetiva e, portanto, sem grande valor.
6. *O Argumento Lingüístico*. O estilo, o vocabulário e a dicção dos livros de *Jeremias* e de *Lamentações* são por demais diferentes para que se suponha que um mesmo autor tenha escrito ambas as obras. Contra esse argumento, alegam outros que a *poesia*, naturalmente, difere da prosa em que são escritos os oráculos e as advertências proféticas. Todavia, grandes trechos do livro de Jeremias consistem em poemas, embora nossa versão portuguesa oculte isso, imprimindo o livro como se tudo fosse prosa. Mas ver, por exemplo, a *Revised Standard Version*. Muitos escritores em prosa, ocasionalmente, escrevem em poesia, o que requer estilo, dicção e vocabulário diferentes.

*Conclusão*. Não há como se fazer uma declaração firme sobre a questão. O livro de Lamentações não indica quem foi o seu autor; a obra é anônima.

*Data*. No livro não há nenhuma menção à reconstrução do templo de Jerusalém, que ocorreu em 538 A.C. No entanto, o livro foi escrito, sem a menor sombra de dúvida, por uma testemunha ocular da invasão de Jerusalém pelos babilônios e do subseqüente exílio de Judá. Por conseqüente, deve ter sido escrito em algum tempo depois de 586 A.C., mas antes de 538 A.C.

### IV. Propósitos e Teologia do Livro

1. *A Justiça de Deus é Celebrada e os Efeitos Ruinosos do Pecado São Lamentados*. Um homem espiritual contemplou o que acontecera a um povo rebelde, que quisera dar ouvidos às advertências do Senhor, e que, por isso, recebeu tão grande castigo nacional. Isso aquilo ocorrera por motivo de desobediência e insensibilidade espiritual. A calamidade foi tão grande que fez uma nação chegar ao fim. O santuário, que fora estabelecido em honra a Yahweh, bem como a teocracia (embora muito modificada pela monarquia) foram aniquilados pelos pagãos. O poeta, pois, celebrou a retidão e a justiça de Deus, porquanto, afinal, o que acontecera fora justo. A nação de Judá foi convocada ao arrependimento, visto que o mesmo poder que produziu a destruição com igual facilidade poderia produzir a restauração. A profunda iniquidade da nação de Judá é lamentada no livro, mas reconhece-se

também que a graça de Deus é suficientemente ampla para reverter qualquer situação, e o autor sagrado contemplava, ansioso, essa bendita possibilidade. Em suma, o propósito do livro é celebrar a justiça de Deus, lamentar a iniquidade do povo de Judá e suas horrendas conseqüências e, então, conclamar ao arrependimento, em face da possibilidade de restauração.

2. *Aplicação Cristológica.* Alguns intérpretes evangélicos vêem no livro de Lamentações um lamento pela alma de Jesus, diante da ira de Deus que sobre Ele se descarregou, quando Cristo levou sobre Si o pecado do mundo.
3. *A Trágica Reversão.* Havia em Israel uma tradição que falava sobre a suposta inviolabilidade de Sião (Sal. 46.6-8; 48.2-9; 76.2-7), o que aparece como uma idéia com a qual o autor do livro de Lamentações estava familiarizado (Lam. 3.34 e 5.9). Entretanto, o autor sagrado mostrou que nenhuma coisa boa necessariamente perdura para sempre. Reversões trágicas podem destruir até mesmo as melhores e mais excelentes coisas, se permitirmos que o pecado venha maculá-las.
4. *Confirmação do Ponto de Vista Deuteronomico da História.* O autor de Deuterônomo sustenta, como uma de suas teses primárias, que Israel ia bem enquanto obedecia a Deus, mas caía em ruína quando se mostrava rebelde. Embora, por certo, essa seja uma perspectiva simplista da história, não é um fator que deva ser ignorado. Esse tema também pode ser encontrado em outros livros do Antigo Testamento, além de Deuterônomo, Lamentações é um dos livros que promove essa tese.
5. *A Esperança Nunca Morre no Coração Humano.* Grandes tragédias sobrevêm às pessoas insensatas. Mas essas mesmas pessoas, se agirem sabiamente, poderão contemplar a concretização de suas esperanças de melhoria, quando seu triste estado for revertido pela misericórdia divina.

## V. Estilo Literário

Esse estilo é descrito na primeira seção, *Caracterização Geral*.

## VI. Conteúdo

1. As Lamentáveis Condições de Jerusalém (cap. 1)
2. Manifestação da Ira de Deus (cap. 2)
3. Reconhecimento da Justiça de Deus (cap. 3)
4. Reconhecimento da Fidelidade de Deus (cap. 4)
5. Confiança na Fidelidade de Deus (cap. 5)

## VII. Bibliografia

AM E GOT(1954) | IB ROB(2) YO

## Ao Leitor

Para ter melhor compreensão sobre o livro, o leitor deve ler a *Introdução*, que aborda os fatos e problemas básicos da composição: caracterização geral; nome do livro; autoria e data; propósitos e teologia do livro; estilo literário e conteúdo. Essas seções analisam de modo bastante completo o livro, que tem apenas 154 versículos.

Este é um dos livros mais tristes já escritos, que aplica habilidosa poesia para expressar as mais profundas emoções humanas. Trata-se de uma série de poemas que lamentam a desolação de Jerusalém e os sofrimentos do povo, depois dos ataques, do cerco e do cativeiro subsequente do povo de Israel, efetuado pelo exército babilônico. O templo de Jerusalém foi incendiado em cerca de 587-586 A. C., pelo que o autor escreveu algum tempo depois disso. O capítulo 5 do livro revela a autoria do poema, bastante tempo depois, mas antes que o decreto de Ciro permitiu que um pequeno remanescente de judeus retornasse a Jerusalém para reconstruir a cidade e, assim, iniciar um Novo Dia. Os primeiros quatro capítulos seguem acrósticos alfabéticos (os versículos começam com as sucessivas 22 letras do alfabeto hebraico). O capítulo 5 também tem 22 versículos, mas não escritos segundo esse estilo, que provavelmente requer um arranjo um tanto artificial que impede o livre fluxo do pensamento. Esse capítulo provê uma apta conclusão, sendo provável que o autor estivesse cansado de apegar-se ao estilo acróstico.

O livro era usado nas recitações em dias de jejum e lamentação, tanto públicas quanto particulares (ver Jer. 2.15-17; Zac. 7.2,3). "Os capítulos 1, 2 e 4 assumem a forma de lamentações fúnebres da cidade morta. A elegia capengante da métrica 3:2 (três toques seguidos por dois toques) pode ser reconhecida até nas traduções... No capítulo 3, a tristeza do povo desolado e o reflexo sobre o significado do desastre são expressos por um indivíduo. O capítulo 5, em forma e linguagem, relembra as liturgias usadas em tempos de tribulação nacional, como se vê nos Salmos 74 e 79. O tema comum e a esperança de que Deus ainda restauraria um povo arrependido e humilhado percorre o livro inteiro" (*Oxford Annotated Bible*, introdução ao livro).

"O livro de Lamentações é um pós-escrito de lamentação ao livro de Jeremias. Mediante o uso de *cinco cânticos fúnebres*, o autor sagrado se entristeceu pela sorte de Jerusalém, por causa de seu pecado" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O livro, naturalmente, é mais que uma poesia fúnebre muito bem expressa. Antes, é uma lição moral que afirma que a vida é mais do que "comer, beber e divertir-se". É também uma inquirição séria que procura obedecer às regras divinas. Ensina-nos, supremamente, as conseqüências de semear uma má conduta, pois o que uma pessoa faz certamente é colher o que semeou. Ver Gál. 6.7,8.

## JULGAMENTOS DIVINOS QUE ISRAEL (JUDÁ) DEVE SOFRER PARALELOS ENTRE LAMENTAÇÕES E DEUTERONÔMIO

| Essência dos Julgamentos                                                                                                                                                                                                                                    | Lamentações | Deuteronômio |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|--------------|
| Judá (Israel) espalhado entre as nações não encontrará paz nem segurança.                                                                                                                                                                                   | 1.3         | 28.65        |
| Judá (Israel) será o escravo de forças estrangeiras e a cauda das nações.                                                                                                                                                                                   | 1.5         | 28.44        |
| Seus filhos e filhas serão cativos em nações pagãs.                                                                                                                                                                                                         | 1.5         | 28.32        |
| Em fraqueza fugirão ante o perseguidor e serão absolutamente derrotados. As defesas falharão e os soldados fugirão em sete direções em total confusão.                                                                                                      | 1.6         | 28.25        |
| Os homens e mulheres jovens serão levados e feitos escravos. Os pais os perderão para sempre.                                                                                                                                                               | 1.18        | 28.41        |
| O povo de Judá (Israel) será assunto de canções zombadoras e objeto de escárnio e desprezo.                                                                                                                                                                 | 2.15        | 28.37        |
| Mães, no seu desespero, comerão os próprios filhos para não morrer de fome. O pecado, especialmente o da idolatria, cobrará um alto preço em sofrimento.                                                                                                    | 2.20        | 28.53        |
| Jovens e velhos morrerão juntos na poeira das ruas. O inimigo não respeitará idade nem sexo.                                                                                                                                                                | 2.21        | 28.50        |
| Mães, com as próprias mãos, cozinharão seus filhos. As mais gentis esconderão seus filhos para comê-los depois do ataque do inimigo. As esposas não mais respeitarão seus maridos, mas se tornarão animais selvagens.                                       | 4.10        | 28.56-57     |
| A herança de Israel, dada no Pacto Abraâmico, passará às mãos dos estrangeiros selvagens. O judeu construirá uma casa, mas nunca morará nela. As propriedades ficarão à disposição dos invasores e de seus filhos.                                          | 5.2         | 28.30        |
| Perseguidos, os judeus não encontrarão paz no exílio. A espada os seguirá até lá e continuará a matança. O pecado cobrará um alto preço dos desobedientes.                                                                                                  | 5.5         | 28.65        |
| Os sofrimentos no exílio serão variados e severos. A fome fará a pele dos cativos queimar como se estivesse sujeita a um forno.                                                                                                                             | 5.10        | 28.28        |
| Mulheres casadas e virgens serão estupradas nas ruas de Sião. Uma mulher prometida a um judeu nunca se tornará esposa dele, mas cairá vítima de um soldado impiedoso.                                                                                       | 5.11        | 28.30        |
| Os velhos não serão respeitados nem receberão misericórdia. Cairão vítimas das mesmas brutalidades.                                                                                                                                                         | 5.12        | 28.50        |
| O Monte Sião ficará uma pilha de entulho e animais selvagens farão dele seu lugar de assombração. Os muitos e radicais pecados de Judá (Israel) exigirão castigos múltiplos e radicais, servindo de agentes de restauração para o fragmento que sobreviver. | 5.18        | 28.26        |

## EXPOSIÇÃO

### Capítulo Um

#### Primeira Lamentação: Desolação de Jerusalém em Razão de Seu Pecado. As Lamentáveis Condições de Jerusalém (1.1-22)

É o poeta quem fala nos vss. 1-11 e 17, exceto pelo fato de que nas últimas linhas dos vss. 8 e 11, Jerusalém, personificada como uma mulher, é quem fala. Outro tanto se dá nos vss. 12-16 e 18-22. E então há um cântico fúnebre que encerra o capítulo (vss. 20-22). O livro de Provérbios não é livro que possa alegrar-nos, mas contém valiosas lições espirituais e morais. A justiça de Deus é celebrada, e são lamentados os efeitos ruinosos do pecado. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* é o tema predominante do livro. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*. O livro de Lamentações é um triste pós-escrito ao livro de Jeremias, cujo tema principal é o *Cativeiro Babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) resultante da idolatria-adulterio-apostasia de Judá. "O livro é um lembrete de que o pecado, a despeito de todos os seus encantos e excitação, traz consigo grande peso formado por tristezas, aflições, miséria, esterilidade e dor" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

#### 1.1

**Pano de Fundo.** Quanto ao material de um importante pano de fundo, ver a introdução geral ao livro. A invasão babilônica ocorreu sob a forma de ondas. Não houve uma invasão única, seguida pelo cativeiro. Ver Jer. 52.28, onde discuto as três deportações. De 588 e 586 A. C., o exército babilônico desgastou as defesas da cidade de Jerusalém. O Egito fez uma tentativa inútil de ajudar Judá. A maior parte das cidades judaicas foi esmagada (ver Jer. 34.6,7). Jerusalém, finalmente, ficou sozinha. Os ataques contínuos minaram os alicerces da sociedade. Mães famintas comeram os próprios filhos (ver Lam. 2.20 e 4.10). Ironicamente, a idolatria entre os judeus continuou a florescer, enquanto a população, desesperada, clamava ao panteão de deuses em busca de livramento. A 18 de julho de 586 A. C., o cerco da cidade chegou a um fim abrupto. As muralhas foram rompidas e o exército babilônico entrou na cidade (II Reis 25.2-4). Zedequias e alguns poucos elementos pertencentes à elite da sociedade judaica tentaram fugir, mas foram capturados. Os príncipes foram mortos e os filhos de Zedequias foram executados, enquanto ele foi forçado a contemplar a cena. Em seguida, ele foi cegado e posto na prisão pelo resto de sua vida. Ver II Reis 25.4-7 e Jer. 52.7-11. Jerusalém transformou-se em completa ruína, o templo foi saqueado, os vasos sagrados foram levados para a Babilônia, e o que podia queimar foi incendiado. Jer. 52 fornece-nos um sumário desses acontecimentos terríveis.

**Três resultados** dessa destruição foram registrados aqui, neste primeiro versículo do livro de Lamentações: 1. Jerusalém ficou quase inteiramente desabitada. 2. A economia foi arruinada. Cf. Êxo. 22.22; Deu. 10.18; 24.19-21; 26.13; 27.19 e Isa. 1.17. Jerusalém, reduzida à condição de órfã ou viúva, ficou desolada e desesperada. 3. Não restou nenhuma estrutura social. A rainha (a cidade de Jerusalém) tornou-se escrava. A Babilônia era a senhora e impôs taxas a toda a vida e a toda a manifestação de vida dos poucos sobreviventes.

"O quadro inicial faz-nos lembrar da bem conhecida representação de *Judaea capta*, uma mulher sentada debaixo de uma palmeira, que aparece nas moedas de metal romanas que foram cunhadas depois da destruição de Jerusalém. O poema de 22 versículos (capítulo 1) está dividido em duas porções simétricas (1. vss. 1-11; 2. vss. 12-22)" (Ellicott, *in loc.*).

**Como jaz solitária.** Essa é a postura dos que lamentam pelos mortos. Ver Lam. 2.10 e Esd. 9.3. Um sinal da aproximação ou do desenvolvimento de problemas mentais é exatamente esse. A pessoa começa a sentar-se no chão, e não em uma cadeira ou banco. Essa é a postura de uma mente desolada e perturbada.

#### 1.2

**Chora e chora de noite.** A *viúva*, ali sentada em sua tristeza, chorou a noite inteira; as lágrimas desciam pelas bochechas; todos os seus amantes (deuses falsos e ex-aliados) a tinham abandonado; seus amigos haviam fugido; ela não contava com simpatizantes nem com consoladores; ela tinha sido atraída, pois suas alianças com estrangeiros fracassaram; ex-amigos e aliados agora eram inimigos. Os *amantes* e *amigos* eram aqueles "estados que tinham apoiado Jerusalém em sua revolta contra a Babilônia" (ver Jer. 27.3; 37.5-8). Visto que Jerusalém foi personificada como uma mulher, aquelas nações estrangeiras foram personificadas como amantes libertinos, volúveis e passageiros (cf. o vs. 19)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). O termo *amante* traz à nossa

mente o fato de que ela abandonou a Yahweh e voltou-se para a idolatria, cometendo adultério espiritual. Portanto, o crime de Judá foi idolatria-adulterio-apostasia. O paganismo no qual ela se envolveu promoveu a prostituição sagrada, o que explica a *figura da amante*. "Os amantes eram nações como o Egito (ver Jer. 2.36), Moabe e outras, com as quais Judá eslovira em aliança, mas que agora se voltaram contra ela (cf. Sal. 137.7; Eze. 25.3-6 e Jer. 40.14, como exemplos da hostilidade dessas nações. Ver especialmente Lam. 4.21)" (Ellicott, *in loc.*). Também estão em vista os *ídolos* "que ela amava mas que agora não a consolavam (ver Jer. 2.20-25)" (Fausset, *in loc.*). Alguns de seus anteriores aliados agora se juntaram traiçoeiramente a seus inimigos, contra ela (ver II Reis 24.2,7).

#### 1.3

**Judá foi levada a exílio.** Os poucos sobreviventes judeus foram levados para a Babilônia. Houve três deportações distintas, conforme comento em Jer. 52.28. Ver, no *Dicionário*, o verbete chamado *Cativeiro Babilônico*. Note o leitor que aqui o sujeito é *Judá*, e não apenas Jerusalém. O que ocorreu foi a morte de toda a nação. O país também foi personificado como uma mulher. Eles tinham sido como uma rainha entre as nações, que agora não passava de uma escrava. A calamidade dos ataques do exército babilônico foi ampliada pelo cativeiro. O cativeiro durou de 605 a 538 A. C., mais ou menos 70 anos (ver Jer. 25.11,12). Judá foi submetida a trabalhos forçados naquela terra estrangeira, e os judeus não mais tiveram descanso no corpo e na alma. Mas esse foi um processo de purificação. Haveria um retorno a Jerusalém, permitido pelo decreto de Ciro, o poder medo-persa que substituiu a Babilônia. Haveria um novo dia de vitória e labor proveitoso, em favor de Yahweh e de suas instituições, uma vez que a idolatria de Judá tivesse sido expurgada. Cf. este versículo com Deu. 28.65,66 e ver no gráfico acompanhante os muitos paralelos que o livro de Lamentações tem com o livro de Deuterônimo. Os cativos estavam sob cerco, mesmo quando já derrotados e em cativeiro. Seus perseguidores continuaram a desfechar ataques.

**... a apanharam nas suas angústias.** "Tendo-a caçado como os homens caçam animais ferozes e levam-nos para lugares estreitos, os babilônios a capturaram" (John Gill, *in loc.*). "A imagem de roubadores que no Oriente interceptam os viajantes nas passagens estreitas das áreas montanhosas" (Fausset, *in loc.*).

#### 1.4

**Os caminhos de Sião estão de luto.** A *personificação* do país e da cidade foi agora transferida para as estradas e portas de Sião, como se fossem seres vivos. As estradas que conduziam a Sião estavam em lamentação. Houve oca

sião em que peregrinos tinham vindo às festas em Jerusalém, um grande santuário religioso durante séculos. Mas agora as coisas estavam tranquilas. Nenhum homem queria chegar perto do lugar. As portas da cidade foram demolidas e não admitiam a entrada de peregrinos. O dia glorioso havia terminado. Os poucos sacerdotes que não tinham sido mortos ou deportados sentavam-se na cidade, gemendo. Não havia culto para ser celebrado. A idolatria de Judá tinha desqualificado a casta sacerdotal. O próprio templo tinha sido transformado em um montão de ruínas, incendiado e agora jazia desolado (vs. 10; ver também Jer. 50.28 e 51.11). Antes as *virgens* acompanhavam as festividades, provendo cânticos e danças para alegrar a atmosfera. Ver Êxo. 15.20; Sal. 68.25; Juí. 21.19; Jer. 31.13. As virgens, como uma classe, tinham sido deportadas e agora povoavam os haréns dos ricos e poderosos da Babilônia. Nada restara que as encorajasse a cantar e dançar. O regozijo tinha morrido. Aquelas jovens mulheres tinham sido "arrastadas" (Revised Standard Version), algo terrível de ser contemplado.

#### 1.5

**Os seus adversários triunfam.** Os inimigos de Judá tornaram-se seus senhores. Muitos sobreviventes judeus tornaram-se escravos e foram submetidos a trabalho árduo. As mulheres seletas tornaram-se escravas do sexo; as outras foram obrigadas a trabalhar arduamente nas casas das damas da Babilônia. Tudo isso aconteceu porque Yahweh estava vingando-se da idolatria-adulterio-apostasia de Judá. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) estava fazendo sua cobrança. Havia *muitos pecados* para punir, e muita corrupção precisava ser removida do povo. É Yahweh quem controla as atividades dos homens, e é Ele quem intervém com Sua providência negativa e com Sua providência positiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. O *teísmo* bíblico (ver o artigo a respeito) ensina que o Criador continua presente em Sua criação, intervindo, recompensando e castigando. O *deísmo*, em contraste, ensina que a força criadora

(pessoal ou impessoal) abandonou sua criação ao cuidado das leis naturais. Entrementes, a Babilônia estava voando alto às expensas da miséria das nações que ela havia destruído. A especialidade da Babilônia era o genocídio. O poder medo-persa, entretanto, tinha em reserva um dia de prestação de conta para a Babilônia. Cf. este versículo com Deu. 28.13,44. Quanto aos muitos paralelos entre o livro de Deuteronômio e o livro de Lamentações, ver o gráfico acompanhante.

1.6

**Da filha de Sião já se passou todo o seu esplendor.** A *filha de Sião* (ver sobre esse título no *Dicionário*) aponta para a cidade de Jerusalém. Cf. Lam. 2.1,2. Era um comum costume antigo personificar países e cidades como se fossem mulheres. Ver também Lam. 2.4,8,10,13,18 e 4.22. Algumas vezes, essa personificação se dá como "filha de Sião" e, outras, como "filha de Jerusalém". Essa mulher sofreu um estupro tanto figurado quanto literal. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sião*. Essa palavra nos faz lembrar do aspecto espiritual de Jerusalém, que era o local do templo e seu culto a Yahweh. Alguns judeus pensavam que Jerusalém era invencível por causa de seu templo e seu culto (ver Jer. 7.2-15; 26.2-11), mas a apostasia a deixara vulnerável. Ver Jer. 50.28 e 51.11. Uma vingança especial finalmente ocorreria contra aquela nação (a Babilônia), que ousara arrasar a cidade e o templo de Yahweh.

**A Metáfora do Animal Feroz.** Os poucos líderes judeus que tinham sobrevivido aos ataques dos babilônios eram como animais que fugiam do caçador. Eles não tinham lugar para parar, comer ou beber. Estavam exaustos e atemorizados. Esta parte do versículo provavelmente é uma referência à fuga de Zedequias, na companhia de alguns elementos da elite judaica (ver II Reis 25.5; Jer. 39.5). Os perseguidores não permitiram que eles chegassem muito longe. Zedequias foi forçado a contemplar a execução dos próprios filhos. Ato contínuo, ele foi cegado e lançado na prisão pelo resto de seus dias. Os príncipes judeus foram executados em Ribla (ver Jer. 52.10,11).

1.7

**Agora nos dias da sua aflição e do seu desterro.** "Como se o trauma físico não bastasse, a angústia mental também assediava os habitantes de Jerusalém. O povo dessa cidade lembrava todos os tesouros que lhe pertenciam, nos dias antigos. Seu presente estado de ruína e ridículo contrastava fortemente com sua glória anterior — e Jerusalém se consolava ao lembrar o que antes lhe pertencera. Tendo caído nas mãos de seus inimigos (vss. 2,3 e 5,6), ela se tornou motivo de risos" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Ela estava sofrendo e sem pátria. Relembrava todas as coisas preciosas que possuía no passado. Lembrava como o seu povo tinha sido derrotado pelo inimigo. Não havia quem a ajudasse. Quando seus inimigos a viam, eles se riam de vê-la arruinada" (NCV).

**Fizeram escárnio da sua queda.** Outra tradução diz "fizeram escárnio de seus sábados". Se essa tradução está certa, então devemos lembrar que as nações pagãs se riam do povo de Israel por guardar o sábado, o sinal do pacto mosaico (comentado na introdução a Êxo. 19). Alguns estudiosos supõem que a razão pela qual o cativo babilônico durou 70 anos fosse que, durante 490 anos, Israel negligenciou a guarda do sábado da terra, que ocorria a cada sete anos. Portanto, divida-se 490 por 7, e o resultado será de 70 sábados anuais negligenciados. Os pagãos, pois, zombavam de Judá, na Babilônia, enquanto descontavam 70 anos sabáticos. A versão siríaca diz "ruína" em vez de "sábados", e alguns supõem que assim dizia o texto original dos manuscritos hebraicos, antes do aparecimento do texto massorético. Ver no *Dicionário* o artigo *Massora* (*Massorah*); *Texto Massorético*.

Algumas vezes, as versões (mormente a Septuaginta) preservam um texto mais antigo do que o do texto massorético, o texto hebraico padronizado. Os Papiros do Mar Morto (que representam um texto hebraico mais antigo do que o texto massorético) confirmam esse fenômeno. Parece que 5% do texto massorético estão defeituosos, e suas deficiências algumas vezes podem ser corrigidas mediante a comparação das versões. Devemos lembrar que essa porcentagem foi traduzida de manuscritos hebraicos. De fato, é digno de nota que os manuscritos existentes da Septuaginta são cerca de 500 anos mais antigos que os manuscritos hebraicos sobre os quais estão estribados os manuscritos pertencentes ao texto massorético. Os manuscritos hebraicos dos Papiros do Mar Morto algumas vezes dão apoio à Septuaginta, e não aos textos hebraicos padronizados. Ocasionalmente, dão apoio à Vulgata, ao siríaco e a outras versões contra o texto massorético, quando esses manuscritos não contam com o apoio da Septuaginta. Algumas vezes, as versões, de modo geral, concordam contra o texto massorético. Portanto, esse texto não pode ser equiparado ao original hebraico. Mas os intérpretes preguiçosos com frequência fazem essa equação.

1.8

**Jerusalém pecou gravemente.** Jerusalém, a cidade prostituta, teve sua nudez revelada perante os olhos do mundo inteiro e caiu em desgraça total. Seus amantes a abandonaram (vs. 2). Os severos julgamentos de Yahweh revelaram o que ela realmente era: uma mulher *idolatra-adúltera-apóstata*. A adúltera, pois, fazia seus olhos voltar-se para longe dos olhares que a rodeavam, vindo-a sofrer as agonias de seu castigo. Estando poluída por seus pecados, ela tinha sido rejeitada da congregação de Deus como se fosse uma coisa imunda. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Limpo e Imundo*. O Targum refere-se correta e especificamente aqui à *idolatria* como o pecado cardeal de Jerusalém. O hebraico diz, literalmente, "pecou um pecado", que é uma construção gramatical enfática. A mulher adúltera virou a cabeça para outro lado e afastou-se, envergonhada. Cf. Isa. 42.17.

1.9

**A sua imundícia está nas suas saias.** "O quadro da poluição é levado ao mais nojento extremo. A própria saia da mulher estava contaminada" (Ellicott, *in loc.*), visto que *ela* estava poluindo as próprias roupas. A mulher estava tão imunda que contaminava as próprias vestes! A corrupção dela chegava até os pés, a extremidade inferior de sua saia. "... a terra estava contaminada pela pecaminosidade dela, até suas fronteiras mais longínquas" (Adam Clarke, *in loc.*). "A alusão é a uma mulher menstruada... cujo sangue desce saia abaixo" (John Gill, *in loc.*). Nada existe de extremadamente pudico na Bíblia! O Targum afirma que o sangue da mulher não fora limpo porque ela não se tinha arrependido.

O estado de imundícia dela atraiu cães babilônios que vieram lamber-lhe o sangue, ou seja, reduzi-la a nada pelo assassinato e pelo saque. E não houve consolador. Nenhum aliado saiu em seu socorro, mas a deixaram exposta à violência. Ela clamou para que Yahweh observasse sua deplorável situação e a ajudasse, mas Ele ignorou aqueles apelos. Ela não pensou na condenação que atinge tais pessoas, pelo que nada fez para evitar a calamidade.

*Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta...*

(Apocalipse 2.5)

1.10

**Estendeu o adversário a sua mão.** O inimigo não parou diante do saque ordinário. Ele estendeu a mão contra as "coisas preciosas", isto é, contra os tesouros e vasos do templo, que eram sagrados para as tradições hebréias. O santuário foi invadido, saqueado, arrebentado, e o que podia queimar foi incendiado (ver Jer. 52.13). O povo tinha confiado tolamente do templo de Jerusalém como proteção, como se a sua presença os tornasse invencíveis. Ver Jer. 7.2-15; 26.2-11. O templo não era nenhum talismã gigantesco nem um encanto de boa sorte. Mostrou ser extremamente vulnerável à violação da parte de estrangeiros, uma vez que Judá tinha apostatado. Pedras em nada protegiam o povo. A desobediência atraiu a destruição. A lei de Moisés não permitia que estrangeiros (não-convertidos) tivessem acesso ao templo (ver Deu. 23.1-3), mas a violação da lei quebrou o poder dessa proibição. Israel tinha sido feita nação distintiva, separada das nações, mediante a posse e prática da lei mosaica (ver Deu. 4.4-8), mas quando, por causa da idolatria, perdeu sua distinção, também atraiu severo julgamento divino.

Ver II Crô. 36.10,19 quanto à preciosidade do templo e de seus vasos. A profanação arruinou a preciosidade da fé, primeiramente a deles, e depois a dos babilônios pagãos.

1.11

**Todo o seu povo anda gemendo.** A terrível tríade da guerra, a saber, espada, fome e pestilência, tomou conta de Jerusalém. Essa combinação é comum no livro de Jeremias. Quanto a alguns poucos exemplos, ver Lam. 5.12; 14.12; 16.4; 32.24 e 42.17. O potencial agrícola foi destruído, juntamente com a maior parte dos agricultores. As pessoas andavam à cata do pão, a fim de escapar da fome e da morte. Os que tinham alguma posse depois do temível saque efetuado pelo exército babilônico agora davam essas posses em troca de alimentos. Algumas mulheres chegaram a comer os próprios filhos (ver Lam. 2.20; 4.10). Desprezada pelos homens e por Deus, Jerusalém foi deixada a sofrer sua horrível sorte. Cf. Jer. 37.21; 38.9; II Reis 6.25. Ver também Lam. 1.1; 2.20 e 4.10.

*Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida.*

(Jô 2.4)

## Segunda Metade do Poema (1.12-22)

1.12

**Não vos comove isto...?** Jerusalém, em sua angústia, teve uma tristeza singular. Era *Yahweh* quem a estava afligindo, por causa da apostasia. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* estava em plena operação. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Mas os que passavam e viam sua aflição mostravam-se indiferentes. Não havia simpatia nem consolo algum.

“Os vss. 12-19 contêm a chamada de Jerusalém àqueles que passassem por perto e porventura parassem para observar sua condição. Em primeiro lugar, ela enfocava sua atenção sobre o julgamento divino que lhe tinha sobrevivido (vss. 12-17); então ela explicava que o julgamento fora merecido, por causa do pecado” (vss. 18 e 19) (Charles H. Dyer, *in loc.*). Os apelos por simpatia da parte de outros eram baldados.

Dwight L. Moody tomou uma visão severa da operação da lei da colheita segundo a semeadura, conforme dado pela seguinte ilustração: “Nunca esqueças que aquilo que um homem semear, isso também ele colherá... Você pergunta: ‘Se eu me arrependei e Deus me perdoar, então terei de colher?’. Sim, você terá de colher. Coisa alguma pode mudar essa lei... Surpreso, você poderá dizer: ‘Nesse caso, de que adianta me arrependei?’. Ah, nesse caso Deus o ajudará no trabalho árduo da colheita”. Naturalmente, temos exemplos bíblicos de arrependimento que fazem cessar a colheita, como no caso de Nínive. Mas isso não deve diminuir para nós a seriedade da lei. Ver Gál. 6.7,8.

1.13

**Lá do alto enviou fogo a meus ossos.** As *chamas do julgamento de Yahweh* entraram nos ossos do povo de Israel, personificado pela mulher. Os ossos com frequência falam da pessoa inteira, pois o corpo todo depende dos ossos. Ver as notas expositivas em Sal. 102.3. O fogo é uma figura de castigo severo. Então outra figura é usada, a do caçador. A dama impotente teve os pés apanhados em uma rede. Ela se tornou como um animal selvagem que estivesse sendo caçado, levado à beira da impotência e da morte. Ela se tornou desolada, “triste e solitária e fraca o dia todo” (NCV). Redes eram usadas para capturar uma variedade de animais (aves, Pro. 1.17; peixes, Eclesiastes 9.12; antílopes, Isa. 51.20). Embora aparentemente sejam frágeis, as redes prendiam o animal e o deixavam impotente. A rede de Yahweh deixara Jerusalém em estado de desespero e impotência. Cf. Eze. 12.13 e Osé. 7.12.

“A palavra *desolada* subentende, como no caso de Tamar (ver II Sam. 13.20), total e impotente miséria” (Ellicott, *in loc.*).

1.14

**O jugo das minhas transgressões.** As transgressões de Jerusalém tornaram-se um jugo pesadíssimo posto sobre o seu pescoço. O jugo temível a imobilizara; suas forças tinham fracassado. Nesse condição debilitada, ela foi entregue às mãos da assassina Babilônia, pelo que calamidade se seguia a calamidade. Mas tudo começou com o jugo pesado do pecado. Foi Yahweh quem atou todos os pecados de Jerusalém para formar o jugo. Mas a própria Jerusalém tinha suprido a matéria-prima. Cf. este versículo com Deu. 28.48. “Uma metáfora do agricultor que, depois de ter atado o jugo ao pescoço do boi, segura as rédeas firmemente em torno da mão” (Fausset, *in loc.*). O jugo era empregado para obrigar os animais a puxar uma carga pesada. Era tudo uma disciplina para obrigar ao trabalho. A *disciplina* de Yahweh obrigou Jerusalém a sofrer por suas inúmeras transgressões. Mas as disciplinas de Deus são remediais e não meramente retributivas, ou seja, contêm si mesmas as sementes da restauração. Ver sobre I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*. Os pecados de um homem deixam-no cego, limitando-o e pervertendo-o. Mas há um poder que liberta o homem disso e, por muitas vezes, só o julgamento divino mostra-se eficaz.

Note o leitor, neste versículo, que o termo *Senhor* é tradução do hebraico *Adonai*, e não do mais usual *Yahweh*. Isso ocorre 13 vezes no livro de Lamentações, mas não vejo nada de especial nessa substituição. Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Quando Jerusalém foi libertada dos efeitos do jugo do pecado, isso ocorreu por um ato de Deus através do decreto misericordioso de Ciro, que permitiu a volta dos judeus a Jerusalém.

1.15

**O Senhor dispersou todos os meus valentes.** O pecado tinha feito sua obra temível. Judá contava com muitos jovens fortes, aptos para o serviço militar. No entanto, eles se dissolveram ante o ataque do exército babilônico. *Adonai* foi o agente desse acontecimento, pois é Ele quem controla o que sucede entre os homens. Isso reflete o *teísmo* (ver no *Dicionário*) bíblico.

*Adonai* esmagou sob os pés os jovens, pois eles representavam a mulher pecaminosa, Jerusalém, e sua causa não era justa. Ele chamou Seu *ajuntamento* (o exército babilônico) e disse-lhe o que fazer. Portanto, esse exército *esmagou* os jovens. Mas o verdadeiro *esmagador* foi o próprio Senhor. Judá, aqui chamado de “a virgem filha”, foi pisado como uvas no lagar. A jovem foi violentada. “Uvas colhidas foram postas em um lagar e pisadas aos pés até que o suco escorreu para uma valeta contígua. Esse ato foi associado à idéia de uma completa destruição. Cf. Isa. 63.1-6; Joel 3.12-15; Apo. 14.17-20” (Charles H. Dyer, *in loc.*). Quanto ao título “virgem filha de Judá”, cf. Lam. 2.2,5.

“A figura é horrenda. O vinho do banquete era o sangue espremido dos corpos humanos, concebidos como uvas (cf. Isa. 63.3)” (Theophile J. Meek, *in loc.*).

1.16

**Por estas cousas choro eu.** As *horrendas condições* que acabam de ser descritas dizem por que a jovem se debulhou em lágrimas, por que seus olhos não paravam de lacrimejar; ela tinha perdido a coragem, pois nenhum homem a ajudou ou consolou, e certamente Yahweh não agiu assim. Seus *filhos* (os poucos que sobreviveram) foram deixados desolados, em busca de um pedaço de pão que lhes sustentasse a vida (vs. 11). Embora Judá tenha sido chamado de povo de Deus, contudo foi o *inimigo* que prevaleceu, e isso por causa do decreto de juízo de Yahweh contra Seu próprio povo. Cf. este versículo com a figura da *viúva* chorosa, no vs. 1. Ver o vs. 9 quanto ao fato de que não havia ajudador ou consolador. “Desolação” é a palavra-chave neste caso. “... miséria sem igual se manifestou em um dilúvio de lágrimas amargas. Note-se a ênfase da reiteração, *meus olhos, meus olhos*” (Ellicott, *in loc.*). Ver também Lam. 4.18, onde encontramos um uso similar, *o nosso fim... o nosso fim*.

*Oh, a miséria que o meu pecado me tem causado,  
Nada tenho conhecido senão dor e tristeza.  
Agora busco tua graça salvadora e misericórdia.  
Estou indo para casa.*

(A. H. Ackley)

1.17

**Estende Sião as mãos.** Jerusalém torna a apelar para algum passante que poderia parar e ajudar. Cf. o vs. 12, que é similar. Aqui Jerusalém é chamada de “Sião”, o lugar do santuário e do templo, que não mais existia. As antigas instituições religiosas foram primeiramente deixadas em ruínas no coração do povo, e então os objetos físicos do culto foram reduzidos a um montão de destroços. Sião não tinha mais poder para excitar a simpatia de outros. A glória do Senhor se afastou daquele lugar. Seus amigos (aliados) tornaram-se adversários e riram-se de suas aflições. Jacó jazia no solo, agonizante, e quem poderia importar-se? Note os nomes, cada qual com seu significado: Sião, Jerusalém, Jacó. Eram nomes sagrados dados a Israel e a Jerusalém. Mas agora os judeus eram um povo sem nome, que se tornou uma coisa imunda, como uma mulher menstruada. Cf. o vs. 9 quanto à figura. A palavra hebraica para “imundo”, *nidah*, refere-se à impureza cerimonial vinculada à menstruação (cf. Lev. 15.19,20; Eze. 18.6). Ver no *Dicionário* o verbete *Limpo e Imundo*. Os amigos tornaram-se inimigos; e os amantes e ex-aliados, além do próprio Deus, mantinham-se distantes da mulher.

1.18,19

**Justo é o Senhor.** Os ex-amantes mostraram-se enganadores e infiéis, abandonando a pobre dama (vs. 19). Mas ela merecia toda a consternação que estava sofrendo (vs. 18) e mostrou-se sensível o bastante para reconhecer isso. Sua santidade estava sendo vindicada no merecido julgamento contra a iniquidade. A lei mosaica tinha sido violada; seus mandamentos tinham sido todos quebrados. Jerusalém fora despedaçada pelo malho do exército pagão, e as poucas virgens sobreviventes foram enviadas ao cativeiro para aumentar os haréns dos ricos e poderosos babilônios. Os jovens judeus foram enviados ao cativeiro para servir como escravos. Em vão foi que a impotente dama pediu socorro a seus ex-amantes. Mas eles não tinham mais tempo para ela. Havia melhores companhias que ela. Quanto à figura do *amante*, ver o vs. 2.

*Quando uma mulher adorável se baixa para a loucura,  
E descobre, tarde demais, que os homens traem,  
Que encanto pode suavizar sua melancolia?  
Que arte pode lavar a sua culpa?*

(Oliver Goldsmith)

*Uma mulher chorando por seu amante demônio!*

(Samuel Taylor Coleridge)

*Todos os seus amantes se esqueceram de ti...*

(Jeremias 30.14)

## 1.20

**Olha, Senhor.** A *entristecida dama* apelou, em primeiro lugar, aos que passassem, para que notassem sua miséria e lhe prestassem ajuda e consolação (vss. 12-19). Agora, porém, ela se voltava para Yahweh, em busca de simpatia. Afinal, Ele era a causa do julgamento, embora ela tivesse provocado isso por seus múltiplos pecados (vs. 18). Ela nada pleiteou senão sua grande necessidade, e esperava que o imenso amor de Deus fizesse uma diferença em sua miserável condição. Mas o amor já estava operando através do julgamento, pois o juízo é um dedo da amorosa mão de Deus. Deus não é o sádico supremo que causa sofrimentos meramente porque isso Lhe agrada. Os sofrimentos têm efeito benéfico quando recebidos da maneira correta. Nas ruas, a espada colhia muitas almas. Haveria poucos sobreviventes. No *coração da mulher* havia angústia, porque esse coração estava atingido pela tristeza. Tudo isso porque ela se mostrara *rebelde* ao promover sua idolatria-adulterio-apostasia.

**Estou angustiada.** Diz o hebraico, literalmente, “minhas entranhas estão perturbadas”. Cf. Jó 30.27; Isa. 16.11; Jer. 4.18 e 31.20. A aflição mental tem pronunciados efeitos sobre o coração e os intestinos, o que explica a expressão no original hebraico.

O coração da dama “estava agoniado dentro dela”, preparando-se para um ataque de coração, palpitante de angústia. Cf. Osé. 11.8, que diz algo similar. Se a espada continuava a matar “lá fora”, a morte estava ativa nas casas. Cf. Deu. 32.25 e Eze. 7.15. A fome e a peste colhiam suas vítimas em leitos de morte.

*A morte avança e abre sua garganta hedionda para devorar as pessoas.*

(Silius Italicus, ll. 548)

Diz o Targum: “Por dentro, a fome mata como o anjo destruidor, nomeado sobre a morte”.

## 1.21

**Ouvem que eu suspiro.** As declarações sobre lamentações são repetidas, como já seria de esperar. Já vimos os *gemidos* da dama aflita (vs. 8), e isso foi expresso de forma poética (vs. 20). Vimos que não havia *consolador* (vs. 17). A isso adicione-se o fato de que os inimigos da mulher estavam *alegres* diante de suas calamidades. Agora ela clama por vingança contra seus ex-amigos, aliados e inimigos, para que eles caíssem no mesmo tipo de juízo que ela estava sofrendo, porquanto, por certo, eles mereciam tal sorte, tanto quanto acontecia com ela. Ela queria companhia em sua miséria. “O dia” referido neste versículo não é o dia escatológico do Senhor, mas um dia de julgamento específico profetizado para a punição de cada uma das nações em vista. Alguns intérpretes insistem nesse dia distante de prestação de conta por parte de todas as nações, mas isso é ver demais no texto. Jer. 48 e 49 dão profecias específicas de condenação para as nações envolvidas no cativeiro de Judá na Babilônia. A maioria delas também foi para o cativeiro. Cf. este versículo com Jer. 48.27, onde Israel aparece como objeto de *escárnio*. Jer. 50 e 51 dão uma coletânea de oráculos contra a Babilônia.

## 1.22

**Venha toda a sua iniquidade.** A *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*) tinha atuado dura mas justamente com Judá. E a mulher agora implorava a mesma coisa para seus inimigos, o que expande as idéias dadas no vs. 21. Nos Salmos, temos muitos exemplos de imprecações, principalmente nos salmos de lamentação. Há 18 classes (ou tipos) de salmos, e esse tipo é de longe o mais numeroso. Ver no início do livro de Salmos o gráfico que revela os tipos diferentes e lista os salmos pertencentes a cada tipo. Esse sentimento não está em concordância com a moralidade mais elevada do Novo Testamento (ver Rom. 12.19), nem com as palavras de Jesus de “orar pelos inimigos” (ver Mat. 5.44). Mas poucas pessoas, até no seio da igreja atual, aproximam-se do ideal ensinado por Jesus. A maioria sente *prazer* em ver sofrer alguém que lhe fez sofrer antes. É um exagero do texto ver o juízo

desejado aqui como a Grande Tribulação dos últimos dias. Cf. este versículo com Isa. 62.8-63.6; Jer. 48-51; Oba. 15-21; Zac. 14.1-9 e Mat. 25.31.46. Cf. também Sal. 69; 99; 137 e Jer. 18.21-23. Judá estava no lugar divino (vs. 15), e era ali que a dama aflita queria ver as outras nações.

## Capítulo Dois

### Segunda Lamentação: Manifestação da Ira Divina contra Jerusalém (2.1-22).

Este capítulo registra o sofrimento do povo; o desprezo dos observadores; a alegria dos inimigos de Judá diante de suas calamidades. Várias idéias do capítulo 1 se repetem. O poeta é o orador do começo ao fim. O tempo é a retribuição divina contra a idolatria-adulterio-apostasia de Judá-Jerusalém. Os vss. 1-10 fornecem um excelente quadro da ira de Deus, quando Ele desmantelou, sistematicamente, a cidade. Os vss. 11-19 retratam o choro do profeta diante da cena. Os vss. 20-22 mostram seu clamor ao povo implorando a misericórdia divina. Em meio a grandes aflições, ultrajes foram cometidos, como mulheres que comiam os filhos diante da ameaça de morte por fome (vs. 20).

**Palavras de Condenação.** Este capítulo emprega uma variedade de palavras para indicar sofrimento e condenação: 1. *devorar* (vss. 2 e 5); 2. *destruir, derribar, lançar por terra* (vs. 2); 3. *demolir* (vs. 6); *quebrar e despedaçar* (vs. 9). A confusão e o caos eram totais. A cidade foi deixada em escombros, e Yahweh aparece como o autor da miséria, castigando os pecados dos homens.

## 2.1

**Como cobriu o Senhor de nuvens.** Jerusalém é de novo personificada como uma mulher, pois é a filha de Sião (ver *virgem, filha de Judá*, no vs. 15). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Filha de Sião*. Essa mulher já estivera andando nas nuvens, mas agora estava debaixo de uma nuvem de condenação. Ela foi *precipitada* do céu à terra, foi humilhada e esmigalhada. O céu era bom demais para ela, embora ela tivesse elevadas pretensões. Ter sido ela destruída na terra, mediante queda, estava de acordo com seu estado pecaminoso. Ela fora antes o escabelo de Deus, o lugar onde Ele se manifestava na terra. No entanto, perdeu a posição e foi apagada da memória divina, por causa de sua idolatria-adulterio-apostasia.

*O Senhor derrubou por terra a grandeza de Israel, do céu para a terra. Ele não se lembrou do templo, Seu escabelo, no dia de Sua ira.*

(NCV)

Lembre-mos das palavras de Esclus, *pathei mathos*, que significam “é através dos sofrimentos que uma pessoa aprende”. Todos os julgamentos de Deus são remediais.

A arca da aliança era o escabelo de Deus porque ali Sua presença se manifestava. Ver I Crô. 28.2; Sal. 99.5. Na destruição do templo, a arca se perdeu. O Targum faz o escabelo de Deus, neste caso, ser o templo de Jerusalém.

Nos países do Oriente Próximo e Médio, as mulheres usavam véus. Provavelmente é isso o que está por trás da figura da *nuvem*, aqui. Yahweh, pois, cobriu Jerusalém com um véu de vergonha e desprezo.

## 2.2,3

**Devorou o Senhor todas as moradas de Jacó.** Jacó foi *devorado*. A ira divina é aqui retratada como um monstro que ataca sua presa, despedaçando-a e devorando seus pedaços mutilados. Havia fortalezas para proteger Jerusalém, mas elas se mostraram ineficazes porque Yahweh se tornou o General do exército babilônico, pelo que coisa alguma podia resistir ao ataque. Os governantes e o reino inteiro foram despedaçados e desonrados, tendo sido esmagados no chão pelos pés de Deus. Os governantes (príncipes) foram as vítimas notáveis da matança. Zedequias e seus subordinados, e a maior parte de sua família, foram levados ao cativeiro. Os filhos do rei foram executados diante de seus olhos. Em seguida, ele foi cegado e ficou apodrecendo em uma masmorra babilônica até a morte. Os príncipes judeus foram executados em Ribla. Ver Jer. 52.9-11. A ira feroz do Senhor foi uma grande conflagração que queimou tudo. Sua fúria foi como fogo *consumidor* (vs. 3), uma poderosa corrente que a tudo crestou. Jerusalém foi deixada desolada e essencialmente desabitada. Os poucos sobreviventes foram transportados para a Babilônia, onde a miséria continuou até o decreto

misericordioso de Ciro, que os libertou, depois que o centro de poder foi transferido da Babilônia para a Média-Pérsia.

**Toda a força de Israel.** Ou seja, não restou a Israel nenhum poder. A figura foi extraída do fato de que certos animais usavam seus chifres (símbolos de poder) como armas ofensivas e defensivas. Cf. esta parte do versículo com I Sam. 2.10; Sal. 132.17; Jer. 48.25. Ao redor do mundo, cabeças de animais cornudos têm sido usadas para retratar poder, autoridade e majestade. Ver Dan. 7.24.

## 2.4

**Entesou o seu arco qual inimigo.** Yahweh, que também é *Sabaote*, o General dos Exércitos, por algum tempo foi o líder do exército da Babilônia. O arco divino atirava flechas de terror, as quais trespassaram o exército e os habitantes de Judá com grande matança. Ele também empregou Sua *espada* (símbolo da guerra) e matou "o orgulho dos olhos de Judá", ou seja, todos os elementos desejáveis, militares ou civis. A ira de Deus derramou-se como se caísse de um grande vaso, ou fluiu como um rio que tivesse sido derramado dos céus, varrendo todo o território de Judá. A torrente de fogo queimou todas as *tendas* de Israel, todas as habitações do povo. Alguns estudiosos retêm a forma singular, "a tenda" (conforme diz nossa versão portuguesa), dando a entender que o templo. O templo foi incendiado (ver Jer. 52.13), mas não parece ser isso o que está em pauta aqui.

## 2.5

**Tornou-se o Senhor como inimigo.** *Adonai* recebeu o crédito por haver destruído Israel, visto que o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*) retrata Deus a controlar os eventos da história humana. Ele atua em acordo com Sua lei moral, e Sua lei moral está alicerçada sobre a legislação mosaica. Desobedecer é ser castigado, afinal. Por 13 vezes no livro de Lamentações, o nome divino menos usado, *Adonai*, substitui o mais comum, *Yahweh*. Este versículo mostra uma dessas substituições, mas é uma exagerada sofisticação tentar encontrar uma razão para isso. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. A idéia de *devorar* é aqui repetida. O monstro aniquilou sua vítima, *Adonai* aniquilou completamente a Judá. Suas fortalezas foram destruídas, conforme declarado no vs. 2. A filha de Judá (chamada de filha de Sião, no vs. 1) foi deixada a chorar e a lamentar-se, o que o capítulo 1 ilustrou tão bem, com várias repetições. Ver os vss. 20 e 21.

É coisa terrível quando Deus se torna inimigo de um homem. E isso é algo que o homem espiritual pode evitar.

**O pranto e a lamentação.** Estes dois substantivos hebraicos são formados da mesma raiz, pelo que são escritos e pronunciados de maneira similar. "... uma lamentação realmente grande em vista da destruição de suas cidades, aldeias, vilas e seus habitantes" (John Gill, *in loc.*).

## 2.6

**Demoliu com violência o seu tabernáculo.** Temos aqui a menção ao *templo*, que lembra o tempo em que o santuário era uma tenda móvel, além de fazer alusão às tendas da festa dos tabernáculos, quando o povo celebrava os *lugares de habitação* temporários durante os anos de perambulação pelo deserto. O templo, que parecia uma estrutura permanente, um agente de proteção, dando segurança ao povo israelita (ver Lam. 7.2-15; 26.2-11), mostrou não ser mais substancial que as estruturas temporárias e fracas da tenda da congregação. Na época da colheita, os agricultores construíam *cabanas* temporárias para fazer sombra, o que nos dá outra ilustração. As festas e celebrações determinadas terminaram abruptamente quando o templo foi reduzido a um montão de pedras. Os gritos de alegria das festividades transformaram-se em lamentos. A feroz ira de Yahweh obliterou a tudo, e tanto o rei quanto os sacerdotes foram *desprezados*, tornando-se vítimas, juntamente com o povo comum, dos ataques desfechados pelos babilônios. O que parecia permanente mostrou ser apenas uma "tenda de jardim" (NCV), uma estrutura temporária para o tempo da colheita, que os agricultores usavam como sombra e para guardar seus instrumentos agrícolas. Os pecados do povo tinham provocado esse tipo de situação.

## 2.7

**Rejeitou o Senhor o seu altar.** Yahweh (*Adonai*) foi o poder destruidor por trás das potências humanas que destruíram Jerusalém e o templo. Mas agora *Adonai* substitui o nome Yahweh, o que ocorreu 13 vezes neste livro. Mas o sentido em coisa alguma se altera pelo uso de nomes divinos diferentes. O altar do Senhor estava no templo, mas por causa da apostasia de Judá esse lugar foi

desprezado pelo Ser divino e entregue para ser destruído pelos babilônios. As paredes de todos os edifícios importantes e de todos os edifícios privados foram niveladas. Um grande grito de desespero subiu do antigo local de sacrifícios, no lugar dos gritos de alegria que acompanhavam o culto. Alguns tomam esse *clamor* como se fossem os gritos de vitória dos babilônios, enquanto eles aniquilavam a tudo. "Os gritos dos inimigos, em seu triunfo... tomaram o lugar dos aleluias das festas solenes" (Ellicott, *in loc.*). Os sons dos instrumentos do templo usados no culto foram substituídos pelo tinido das armas que se entrecrocavam. O Targum diz que o povo de Jerusalém, chorando e orando, é que gritava, na aflição daquele momento terrível.

## 2.8

**Intentou o Senhor destruir...** Foi Yahweh quem determinou a destruição do lugar. Deus arruinou o lugar para castigar a idolatria-adulterio-apostasia de Jerusalém. Ele derrubou as muralhas que protegiam a *filha de Sião* (ver sobre esse título no vs. 1, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filha de Sião*). Deus fez com que o lugar fosse destruído com seu *prumo*, que os homens usualmente usam nas construções. Ver Amós 7.7-9; II Reis 21.13; 34.1. O uso do prumo fala de uma cuidadosa e completa destruição. Cada centímetro do lugar estava condenado. As muralhas e as defesas caíram juntamente, personalizadas e pintadas como clamando porque a Babilônia as tinha demolido, o que é um toque patético na descrição. Ver Hab. 2.11; Luc. 19.40.

Jerusalém, antes gloriosa, foi cuidadosamente demarcada para ser destruída pela "linha da devastação" (Adam Clarke, *in loc.*). "Os povos orientais usavam a linha de medir não apenas nas suas construções, mas também ao destruir edificações (ver II Reis 21.13; Isa. 34.11). Isso implica uma frieza que nada poupava, com a qual Yahweh aplicaria Sua punição" (Fausset, *in loc.*).

## 2.9,10

**As suas portas caíram por terra.** As portas da cidade, feitas de bronze, que davam a aparência de uma proteção confiável, caíram por terra diante das pancadas do inimigo. O hebraico original é vivido aqui, dizendo que as portas afundaram "no" chão, como se tivessem sido socadas de cima para baixo. As barras de proteção foram despedaçadas. O rei e os príncipes de Judá foram objetos especiais da ira dos babilônios. Os que não foram mortos acabaram cativos entre os gentios (ou seja, foram dispersos por todo o território babilônico). A lei de Moisés cessou de funcionar juntamente com as instituições. Era a lei de Moisés que tornava Israel um povo distintivo (ver Deu. 4.4-8). O ofício profético foi abolido. Yahweh não continuou a conceder visões, para servir de instrumentos especiais que guiavam o povo. O versículo diz que as *instituições religiosas* de Judá foram aniquiladas com o material físico e os habitantes do lugar. "Yahweh abandonou totalmente o Seu povo e não se manifestou mais a ele em nenhum sentido" (Theophile J. Meek, *in loc.*). "Aqui as condições lamentáveis são vistas como devidas principalmente ao fracasso dos líderes religiosos (cf. Lam. 4.12-16)" (William Pierson Merrill, *in loc.*). Cada tipo de pessoa que tinha uma posição de liderança, como o rei, os príncipes, os sacerdotes e os profetas, foi dizimada. O vs. 10 descreve as várias cenas de lamentação. A filha de Sião estava sentada no chão, em típica posição de tristeza (ver Jó 2.12,13).

Havia também o *pano de saco* (ver no *Dicionário*) e as cinzas lançadas sobre a cabeça, que eram símbolos comuns de lamentação. As jovens pendiam a cabeça até o chão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Filha de Sião*, e ver também Lam. 1.6; 2.14.

## 2.11

**Com lágrimas se consumiram os meus olhos.** Os vss. 11-19 falam da tristeza do profeta em vista do que sucedera. Ao observar a cena, ele clamou de angústia. Então traçou *cinco retratos* para descrever as deploráveis condições de Jerusalém. O coração do profeta estava perturbado (ver Lam. 1.20, quanto a essa expressão). O seu *fígado* se derramou no chão. O fígado era considerado, pelos hebreus, a sede das emoções, conforme dizemos acerca do coração, que é o termo empregado aqui pela maioria das traduções. Cf. Sal. 62.8. O povo de Judá é pintado como uma mulher, uma *filha*, o que se vê por todo este livro. Ver Lam. 1.6,15; 2.1,2,4,5,8-11,13,15,18; 3.48,51; 4.6,10. Uma tristeza especial foi ocasionada pela inanição dos infantes e dos bebês pelas ruas da cidade e, naturalmente, das mulheres e da população masculina. O *primeiro retrato* que o profeta pintou sobre as misérias de Jerusalém foi exatamente esse: o sofrimento de crianças inocentes, abandonadas nas ruas da cidade. A maior parte dos pais estava morta, e os poucos que sobreviveram não conseguiam alimentar os filhos famintos. O vs. 12 dá prosseguimento a esse primeiro retrato.

## 2.12

**Dizem a suas mães: Onde há pão e vinho?** Os filhos choravam, pedindo de suas mães um pedaço de pão ou um gole de vinho para satisfazer a sede.

Eles eram como os muitos soldados feridos que jaziam pelas ruas, impotentes e sofrendo dores. Além disso, havia crianças que morriam nos braços das mães, por causa de ferimentos, sede ou fome. “Instintivamente, eles buscavam leite nos seios de suas mães, mas, nada encontrando, davam o último suspiro encostados aos seios delas” (Fausset, *in loc.*). “Como soldados feridos, que se esforçam por respirar o ar, soltavam seu último suspiro, agarrados, em desespero, aos seios de suas mães” (Ellicott, *in loc.*). Esse primeiro quadro causa dó, para dizermos o mínimo. “Quantas e quão temíveis aflições!” (Adam Clarke, *in loc.*).

### 2.13

**Que poderei dizer-te?** Temos aqui o *segundo retrato* dos sofrimentos de Jerusalém — a imagem de uma vasta área, tão vasta que nenhum homem pode ver o outro lado, nem mesmo imaginar onde ela terminaria. Assim eram os sofrimentos da cidade: *vastos e incomensuráveis*. O povo de Judá é aqui chamado de “filha de Jerusalém”. Ver sobre os vários títulos femininos dados ao povo de Jerusalém, no vs. 11, onde ofereço uma lista de referências. “Tua ruína é tão vasta como o mar” (NCV). “A magnitude dos julgamentos foi tão grande que nenhuma consolação pôde ser dada” (Charles H. Dyer, *in loc.*). Os sofrimentos foram imensos. Ver Lam. 1.12; Dan. 9.12. A calamidade foi ilimitada e, portanto, irremediável. “... um dilúvio de aflições; um mar de tribulações; um oceano de misérias” (Adam Clarke, *in loc.*). Diz aqui o Targum: “A tua destruição é tão grande como a grandeza dos mares empolados em tempo de tempestade. Quem é o médico que poderá curar-te de tal enfermidade?”.

*Eu gostaria de ser forte, pois há muito para sofrer. Eu gostaria de ser bravo, pois há muito para ousar.*

(Howard Arnold Walter)

### 2.14

**Os teus profetas te anunciaram visões falsas e absurdas.** O *terceiro* dentre os cinco retratos descreve a obra deletéria dos falsos profetas, os quais insuflavam falsas esperanças no povo de Israel, dizendo que Jerusalém estava *imune* à ameaça babilônica. Esse ludíbrio enevoava a questão e impedia que o povo realmente se arrependesse, com a exceção de alguns poucos profetas independentes (como Jeremias), que contradiziam a palavra da vasta maioria das escolas proféticas. Quanto aos *profetas falsos*, que enganavam os judeus, ver Isa. 3.12; 9.15,16; Jer. 23.23 e Eze. 13.8-10. Aqueles falsos profetas enganavam a si mesmos, e muitos tinham visões que distorciam a verdade dos fatos.

Os próprios místicos verdadeiros duvidam de suas visões, porque as visões são muito difíceis de interpretar e, com frequência, são guias duvidosos. Muitas visões, até de homens bons, nada são senão impulsos *psíquicos* não inspirados pelo Espírito de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Visão (Visões)*. Ademais, podemos estar certos de que os falsos profetas mentiam desbragadamente, pois nem ao menos haviam tido visões. Esses falsos profetas diziam que não haveria nenhum ataque nem cativo babilônico. E alguns deles tinham visões psíquicas para confirmar isso, como sonhos acordados. Outros meramente *diziam* ter recebido visões confirmadoras. Esses enganadores não desvendavam os pecados do povo, nem pregavam o arrependimento. Estavam por demais envolvidos na boa vida terrena. Não queriam ouvir falar em calamidades. Cf. Jer. 28.1-4,10-11; 29.29-32. Seus oráculos eram “falsos e enganadores” (Revised Standard Version). “Eles enganavam as pessoas” (NCV). Em vez de advertir o povo, proferiam lisonjas.

### 2.15

**Todos os que passam pelo caminho batem palmas.** O *quarto retrato* do profeta, descrevendo as misérias de Jerusalém, ocupa os vss. 15-17. Encontramos aqui o retrato de um inimigo vitorioso a zombar do povo derrotado. Insultos foram adicionados às injúrias. Os que passavam — soldados vitoriosos ou viajantes que trafegavam por ali — batiam palmas diante da miséria que viam, e expressavam feroz alegria, em vez de consternação. Eles assobiavam diante dos poucos judeus que tinham sobrevivido, sacudindo a cabeça em gestos zombeteiros. Eles perseguiam Jerusalém (personalizada como uma mulher; ver as notas no vs. 11). Jerusalém tinha sido uma mulher graciosa e bela, uma princesa. A cidade tinha sido centro da adoração religiosa e sítio de peregrinações. Isso tudo foi uma *alegria* para a terra. Agora, porém, a cidade era uma desgraça, pois estava abandonada por Deus e pelos homens; era um montão de ruínas, um lugar de morte essencialmente desabitado. Até os antes amigos tornaram-se agora inimigos (ver Lam. 1.7-9). A beleza da cidade transformou-se em fraqueza e desolação. Quanto ao bater de palmas em derisão, cf. Jó 24.37 e 27.23. Quanto ao sacudir escarnecedor da cabeça, ver II Reis 19.21; Sal. 44.14. Quanto a Jerusalém como alegria e beleza, ver Sal. 48.2. Jerusalém, a Dourada, era agora um monte de ruínas. Destroços tomaram o lugar das riquezas.

### 2.16

**Todos os teus inimigos.** Continua aqui o *quarto retrato*. O profeta começou a chorar quando observou a desolação do lugar. Em vez de zombar, ele chorava diante do que via, embora estivesse plenamente cômico de como a apóstata Jerusalém sofrera justo julgamento às mãos de Yahweh. Eles colheram o que haviam semeado (Sal. 6.7,8). Tal como a filha de Sião (Lam. 1.16), o profeta não encontrava consolo para sua tristeza. A desolação era como um vasto oceano que não admitia remédio algum (vs. 13). Entrementes, os destruidores se regozijavam diante da destruição e da miséria, assobiando e rilhando os dentes em zombaria. Esses gestos eram acompanhados por gritos perversos de triunfo. “Nós engolimos Judá. Este era o dia pelo qual estávamos esperando. Finalmente, vimos o mesmo acontecer” (NCV). A cena pintada está cheia de ódio e perversão, revelando o coração debochado dos conquistadores. “A exultação do inimigo é expressa por cada característica na fisionomia e no ódio maligno, a boca aberta, os assobios, o rilhar dos dentes em ódio e ira” (Ellicott, *in loc.*).

### 2.17

**Fez o Senhor o que intentou.** O *quarto retrato* é completado pela segurança de que Yahweh era a causa real por trás da devastação de Jerusalém, por ser Ele o *Sabaote*, o General dos Exércitos, Aquele que liderava as tropas babilônicas. É posição do *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*) que o Criador continua presente em Sua criação, recompensando e punindo, intervindo nos negócios humanos, e que os homens se tornam instrumentos de suas obras. Em contraste, o *deísmo* (ver também no *Dicionário*) crê que a força criadora abandonou sua criação aos cuidados das leis naturais. Aqui, Yahweh deixa de lado toda a piedade, pois a hora da retribuição tinha chegado. Judá, nação idólatra, adúltera e apostatada, merecia o que os babilônios lhe serviam. O Senhor até fez o inimigo alegrar-se sobre suas obras temíveis. Em outras palavras, o que lemos no vs. 16 foi inspirado por Yahweh! É difícil, para mentes treinadas no Novo Testamento, concordar com essa forma radical de *teísmo*, mas a lei da colheita segundo a sementeira é, realmente, terrível. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira*.

Quanto aos atos sem dó de Yahweh, ver os vss. 2 e 21; e também 3.43. Em meio a tais descrições, devemos lembrar a nós mesmos que todos os juízos de Deus são meios de restauração, e não apenas de retribuição. O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Através do castigo, Deus pode fazer mais coisas do que por qualquer outro modo. Em meio a tantas cenas destruidoras do Antigo Testamento, temos de lembrar a verdade do que Orígenes disse: “Ver somente retribuição no juízo, e nenhum remédio, é descer a uma teologia inferior”. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*, onde siga essa maneira de pensar.

### 2.18

**O coração de Jerusalém clama ao Senhor.** O *quinto retrato* do profeta sobre as misérias de Jerusalém ocupa os vss. 18 e 19. O angustiado profeta encorajou incessante lamentação por parte do remanescente, como petição a Deus por misericórdia. Ele lhes ordenou que clamassem a *Adonai*, derramando diante Dele toda a tristeza. Talvez todo aquele choro e lamentação tocasse o coração de Deus e causasse uma medida de misericórdia. Por 13 vezes *Adonai* substitui o nome divino mais familiar, *Yahweh*, mas isso não implica nenhuma mudança no sentido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. A *filha de Sião* (ver esse título no *Dicionário*, bem como uma lista de referências da personalização de Jerusalém, no vs. 11) foi chamada a chorar tão copiosamente a ponto de imitar um rio que flui noite e dia. A cidade foi invocada a não descansar e a não permitir que seus olhos parassem de chorar, porque assim poderia tocar o coração divino e receber alguma misericórdia.

**As meninas de teus olhos.** Diz aqui o hebraico, literalmente, “a filha de teu olho”, indicando a pupila (ver Sal. 17.8). A pupila reflete imagens que podem ser vistas por outra pessoa, e tais imagens podem parecer pessoas em miniatura nos olhos de quem as vê. A pupila, neste caso, representa o olho, o qual é encorajado a continuar chorando, em uma oração a Deus rogando misericórdia.

### 2.19

**Levanta-te, clama de noite.** O choro não podia cessar nem mesmo à noite. A mulher teria de erguer-se e derramar suas lágrimas como se fossem um rio. Deveria continuar chorando nas várias vigílias da noite e levar suas lágrimas à presença de *Adonai* (ver sobre isso no vs. 18). Ela teria de erguer as mãos em intensa oração, porquanto a vida de seus filhos foi apagada como a chuva de uma vela. Alguns poucos filhos continuavam vivos, mas estavam morrendo de fome. Podiam ser encontrados a chorar em todas as ruas e esquinas. Cr. as dolorosas descrições dos vss. 10 e 11. Ver também Naum 3.10.

## MISERICÓRDIA NO MEIO DO DESESPERO

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos porque as suas misericórdias não tem fim.

Lamentações 3.22

Longe de ti o fazeres tal cousa, matares o justo com o ímpio; como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juíz de toda a terra?

Gênesis 18.25

## AINDA PODEMOS CONFIAR

Oh, podemos ainda confiar que de algum modo  
O bem será o alvo final do mal.  
Das dores da natureza, dos pecados da vontade,  
Dos defeitos da dúvida, e das manchas de sangue.

Que nada caminha sem alvo,  
Que nenhuma única vida será destruída,  
Ou lançada como refugo no vazio,  
Quando Deus completar a pilha.

Que nem um verme é ferido em vão,  
Que nem uma mariposa com vão desejo  
É lançada em uma chama infrutífera.  
Senão para servir o ganho de outra.

Eis que de coisa alguma sabemos;  
Penso tão-somente confiar que o bem sobreviverá  
Finalmente – de longe – finalmente, para todos,  
E que todo inverno se tornará em primavera.

Assim se descortina o meu sonho:  
Porém, quem sou eu?  
Um infante a clamar à noite;  
E sem linguagem, mas apenas com um clamor.

Alfred Lord Tennyson

**No princípio das vigílias.** Os hebreus dividiam a noite em três vigílias, mas os romanos a dividiam em quatro. Ver Jui. 7.19. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vigílias*. A noite é o tempo próprio para dormir e descansar. Para Jerusalém, todavia, a noite se tornou um tempo de lamentar as calamidades que tinham devastado a nação. Quanto ao *erguer as mãos* em oração, cf. Lam. 3.41 e I Tim. 2.8. Esse é um gesto que significa súplica intensa.

#### Os Apelos de Jeremias (2.20-22)

##### 2.20

**Vê, ó Senhor, e considera.** Os vss. 20-22 fornecem a expressão de tristeza de Jerusalém, a par dos seus apelos. Ou então trata-se dos apelos do profeta. Seja como for, o profeta convocou Jerusalém a fazer suas petições a Deus, pedindo-Lhe misericórdia.

"Este versículo, bem como os dois versículos seguintes, foram postos na boca da cidade como respostas ao apelo feito pelo profeta, no vs. 19. Este versículo indica que Jerusalém estava reduzida ao canibalismo no cerco de 586 A. C. (cf. Jer. 19.9)" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Cf. Lev. 26.29; Deu. 28.56,57. Que as crianças morressem de fome já era algo demais para suportar, mas uma mãe comer um próprio filho, por causa da fome, era algo impensável. Ver II Rei 6.24-31.

**As crianças do seu carinho.** Temos aqui uma tradução provavelmente melhor que "crianças com um palmo de comprimento". Até mesmo um bebê recém-nascido já tem mais de um palmo de comprimento. A Revised Standard Version diz aqui: "crianças de seu terno carinho". O cerco de Jerusalém (em 70 D. C.) produziu o canibalismo, conforme nos informou Josefo (*Guerras*, vs. 12).

Outro *ultraje* provocado pelo ataque dos babilônios foi a morte de sacerdotes e profetas no santuário, um sacrilégio supremo.

##### 2.21

**Jazem por terra pelas ruas o moço e o velho.** Jovens e velhos jaziam nas ruas, sangrando; donzelas e homens eram alvos especiais da *espada*. Yahweh é quem os matava em Sua ira, por causa de seus pecados. Ver as notas sobre Lam. 2.17 quanto ao *teísmo* bíblico, que atribui a Deus as coisas más que fazem os homens, como instrumentos de Seus julgamentos. "Visto que tudo quanto acontece foi decretado por Deus como punição pelo pecado, tudo era ato divino, até a matança entre o povo. Essa é a interpretação profética regular da história" (Theophile J. Meek, *in loc.*).

##### 2.22

**Convocaste de toda parte terrores contra mim.** A matança é comparada a um dia de *festejos solenes*, quando os cidadãos como um todo são chamados ao banquete, conforme sucedia nas três festividades religiosas anuais: a páscoa, o Pentecoste e os tabernáculos. Mas aqui os sacrifícios oferecidos, em torno dos quais os babilônios estavam festejando, eram os cidadãos de Jerusalém! Eles estavam sendo sacrificados a Yahweh, que lhes tinha decretado a miséria, por causa de seus pecados inumeráveis. "Ninguém escapou ou permaneceu vivo no dia da ira do Senhor. Meu inimigo matou aqueles a quem dei à luz e criei" (NCV). Temos aqui outro toque quase insuportável de emoção. O inimigo, em tal *breve tempo*, aniquilou todos aquelas crianças (muitas das quais agora estavam chegando à idade adulta), cujos pais tinham passando *tantos anos* a criá-las e a quem devotaram tanto amor e sacrifício.

Foram necessários 30 meses para que os babilônios quebrassem as defesas da cidade de Jerusalém. E, quando finalmente conseguiram, precipitaram-se contra os cidadãos do lugar em feroz ira. Não fizeram distinção entre jovens e idosos, homens e mulheres, adultos e crianças, sacerdotes e povo comum. E assim aniquilaram a muitos milhares de pessoas.

## Capítulo Três

#### Terceira Lamentação: Resposta de Jerusalém. Reconhecimento da Justiça de Deus (3.1-66)

Os temas principais deste capítulo são: aflição, resignação, arrependimento e oração. Este capítulo toma a forma de uma lamentação pessoal, presumivelmente do profeta Jeremias. "No capítulo 3, a tristeza do povo desolado e o reflexo sobre o significado do desastre foram expressos por um indivíduo. Os primeiros quatro capítulos foram compostos no estilo de um acróstico alfabético. Nos capítulos 1 e 2, cada estrofe começa por uma letra hebraica, na ordem em que essas letras aparecem no alfabeto. Mas este longo terceiro capítulo tem três estrofes para cada letra hebraica. Existem vários estilos de poemas acrósticos. Discuto sobre

isso na introdução ao Saimo 34. Vários dos salmos também foram compostos nesse estilo.

Este capítulo fala da confiança pessoal em Deus, a despeito das circunstâncias, e dessa maneira é similar ao Salmo 56. Relembra a terminologia de algumas das passagens de Jó.

#### Lamentações 3

| Vs. 1        | Jó           |
|--------------|--------------|
| Vs. 2        | 9.34         |
| Vs. 3        | 19.8         |
| Vs. 4        | 7.18         |
| Vs. 5        | 7.5; 30.30   |
| Vs. 6        | 19.6,12      |
| Vs. 7        | 23.16,17     |
| Vs. 8        | 19.8         |
| Vs. 9        | 30.20        |
| Vss. 10 e 11 | 19.8         |
| Vss. 12 e 13 | 16.9         |
| Vs. 14       | 16.12,13     |
| Vs. 15       | 30.9         |
| Vss. 16-18   | 9.18         |
|              | 19.10; 30.19 |

##### 3.1

**Eu sou o homem que viu a aflição.** O profeta, tomando lugar ao lado do povo, era um colega sofredor e tinha visto as mesmas desgraças e sentido as mesmas dores que eles. Ele é outro Jó, conforme demonstra o gráfico anterior. A vara de Yahweh lhe foi aplicada, atingindo-o com muitos e severos golpes, e ele sangrava, debilitado. Ele levantou a voz para expressar sua miséria, que era também a de Jerusalém, devastada pelo exército babilônico. Os primeiros clamores eram contra Deus, que fizera tais coisas, seguindo as linhas dos queixumes de Jó. Os vss. 21 ss. têm uma diferença marcante de tom: o aflito tornou-se humilde e reconheceu que aquilo que ele tinha sofrido era *justo*, e isso em contraste com Jó, que manteve sua inocência até o fim. "Em uma longa lista de metáforas, Jeremias enumerou as muitas aflições que ele, na qualidade de representante de Judá, tinha sofrido da parte da ira de Deus (cf. Lam. 2.2,4; 4.11). Ele se sentiu confuso ao observar que Deus aparentemente reverteu suas atitudes e atos passados" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Isa. 10.5, onde a Assíria é chamada de vara da ira de Yahweh.

##### 3.2

**Ele me levou e me fez andar.** O homem pobre foi levado para um lugar totalmente destituído de luz. Ali, em meio às densas trevas, foi brutalmente espancado pela vara da ira de Deus, e não compreendeu o porquê. Cf. este versículo com Jó 9.34 e 19.8. Há muitos paralelos com aquele livro, conforme demonstro no gráfico na introdução a este capítulo. "Trevas" aqui significam os sofrimentos e a falta de compreensão ou esperança. Ajax (Homero, *Iliada* xvii.647) disse: "Mata-me, se é teu dever, mas mata-me à luz". O vs. 6 deste mesmo capítulo traz de volta a metáfora das trevas. "Nos escritos sagrados, as trevas com frequência representam a *calamidade*, ao passo que a luz representa a prosperidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. este versículo com Sal. 97.11 e 112.4.

##### 3.3

**Deveras ele volveu contra mim a sua mão.** A *mão divina* voltou-se contra o homem, aplicando-lhe repetidos golpes, dia após dia. Entrementes, o homem espancado não sabia por que Deus estava tão irado com ele. A mão divina oferece bênçãos e maldições, dependendo do que cada indivíduo merece. Ver sobre *mão*, em Sal. 81.14; e sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. Ver sobre *braço*, como o poder divino em ação, em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. "A mão de Deus, antes favorável, tornou-se um punho de adversidade" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Diz o hebraico original aqui, literalmente: "ele volveu, ele volveu", que forma uma expressão ímpar, usada somente aqui em todo o Antigo Testamento, mas a idéia da mão golpeadora de Deus é bastante comum. Cf. este versículo com Jó 7.18.

*Por muitas vezes palmilhamos a vereda diante de nós  
Com um coração cansado, ardente,  
Com freqüência labutamos em meio a sombras,  
Todo o nosso labor renderá dividendos,  
Quando as sombras se tiverem dissipado  
E as névoas tiverem desaparecido.*

(Annie Herbert)

## 3.4

**Fez envelhecer a minha carne e a minha pele.** Punições divinamente aplicadas tinham piorado muito a saúde do profeta. Cf. Sal. 38.2,3. Cf. este versículo com Jó 7.5 e 30.30. Ver o gráfico na introdução ao capítulo 3 quanto aos muitos paralelos entre Jó e este capítulo. A pele e a carne do homem tinham envelhecido, e seus ossos estavam quebrados, figuradamente. Ver sobre *ossos*, em Sal. 102.3. Talvez os termos *pele*, *carne* e *ossos* representem o ser inteiro, e não apenas o corpo. É fácil observar como crises profundas podem envelhecer rapidamente uma pessoa.

## 3.5

**Edificou contra mim.** O pobre homem foi cercado e assediado tal e qual acontecera a Jerusalém. Mas seus assediadores e o exército que franzia a testa contra ele eram a amargura e a tribulação, ambos acontecimentos funestos.

**Veneno.** Algumas traduções dizem aqui “fel”, outras falam em “amargor”. Está em foco alguma erva amargosa, citada figuradamente para indicar situações e acontecimentos que azedam a vida das pessoas. Cf. este versículo com Jó 19.6,12. “O sentido é que ele estava cercado por tristezas e aflições tão desagradáveis quanto as ervas mais amargas e venenosas” (John Gill, *in loc.*). Cf. Jer. 8.14. “O ataque da tristeza é apresentado sob a figura de um assédio militar” (Ellicott, *in loc.*). Da mesma maneira que Jerusalém não pôde escapar de seu assédio, o profeta pôde escapar do seu. Ver os vss. 7 e 9.

## 3.6

**Fez-me habitar em lugares tenebrosos.** Cf. o vs. 2, onde o homem é conduzido a *lugares tenebrosos*. Isso é aqui definido como um presságio de morte, visto que aqueles que morrem há muito tempo estão em um lugar escuro. A referência pode ser ao *sheol*. Nas Escrituras, esse lugar usualmente é apenas a morte ou o sepulcro, ou seja, onde os homens são sepultados. Mas, de outras vezes, está em vista alguma espécie de vida pós-túmulo. Essa doutrina passou por uma transição, tal como sucedeu à doutrina do *hades*, no Novo Testamento. Quanto a versículos que parecem levar-nos além da mera idéia de sepulcro, ver Sal. 88.10; 139.8; Pro. 5.5; Isa. 14.9; 29.4. Nos livros pseudepígrafos e apócrifos, temos novos avanços da idéia. Parte do *sheol* destinava-se aos ímpios, e outra parte era devotada aos justos. Em I Enoque, foram acesas as chamas do inferno pela primeira vez, e essa idéia passou para algumas passagens do Novo Testamento. Ver o detalhado artigo sobre o *Hades*, no *Novo Testamento Interpretado*. O vs. 6 é uma citação direta de Sal. 143.3, com leve mudança na ordem das palavras, adaptando o trecho ao estilo acróstico do profeta. Quanto aos poemas acrósticos, ver a introdução a Sal. 34. Provavelmente nada diz respeito ao *sheol*. Está em vista o sepulcro ou, talvez, *esquecimento* seja a idéia aqui apresentada.

Se o profeta estava pensando no *sheol*, interpretava isso como outro nome para o sepulcro. O Targum fala sobre o sepulcro, por meio do qual os homens vão para o outro mundo, e alguns intérpretes modernos concordam com essa avaliação. Mas é difícil reconciliar isso com a idéia de *trevas*. O profeta dificilmente poderia pensar em ir para um lugar escuro por meio da morte, a menos que a doutrina de *sheol* ainda estivesse nos primeiros estágios do desenvolvimento. Cf. Jó 23.16,17.

## 3.7

**Cercou-me de um muro, já não posso sair.** Encontramos aqui um quadro sobre o cerco e a captura da vítima de um exército. Mas o sujeito oculto (ele) é *Yahweh* como *Sabaote*, o Capitão dos Exércitos que liderou o exército babilônico à vitória sobre Jerusalém. As muralhas servem de proteção, mas algumas têm por objetivo conservar as pessoas encerradas, como as paredes de uma prisão. O homem foi aprisionado em sua miséria e não tinha como escapar. Ele foi capturado e preso com pesadas correntes — sua liberdade acabou-se, e sofrimentos lhe foram adicionados — uma das condições mais depraváveis que podem ocorrer a um homem. Cf. este versículo com Jó 19.8.

*Ele me encerrou, pelo que não pude sair.  
Ele me prendeu com pesadas correntes.*

(NCV)

Vss. 7-9. Jó 3.23; Osé. 2.6. Não foi visando a eterna ruína que Israel foi encerrada, mas visando o seu bem, em última análise. A aprisionada nação de Israel não podia continuar em suas veredas tortuosas e tinha de voltar-se para *Yahweh*, finalmente. Foi assim que ela retornou a seu “primeiro marido”, abandonando seus amantes (as práticas pagãs, os ídolos etc.).

## 3.8

**Ainda quando clamo e grito.** As orações do profeta *deixaram de ser ouvidas* e respondidas, uma das piores coisas que pode acontecer a um homem espiritual. Essa é uma provação realmente difícil, quando a oração não mais modifica as coisas. Portanto, o homem nessa situação fica sujeito aos ataques do caos. Jó enfrentou a mesma calamidade, conforme lemos em Jó 30.20. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*, quanto às vantagens que os homens esperam alcançar da súplica a Deus. A oração é onde se encontra a ação. Quando a oração pára de funcionar, o homem bom fica sujeito ao temor e à incerteza. Cf. este versículo com Sal. 22.2. Quanto à aparente *indiferença* de *Yahweh* em relação aos homens, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 143.7. Esse é um dos *temas principais* dos salmos de lamentação, que é a classe mais numerosa dos 18 tipos de salmos. Quanto a essas classificações, ver o frontispício ao livro de Salmos, onde apresento um gráfico que mostra os tipos de salmos e quais pertencem a cada classificação.

*Ensina-me a suportar as lutas da alma,  
A enfrentar a dúvida que se ergue, o suspiro  
rebelde.  
Ensina-me a paciência da oração sem resposta.*

(George Croly)

## 3.9

**Fechou os meus caminhos com pedras lavradas.** A idéia do lugar fechado se repete (ver o vs. 7), mas agora o agente encerrador são *pedras lavradas*, um material mais forte do que aquele geralmente usado nas paredes (tijolos). E, então, no lugar dos grilhões de bronze, temos aqui a nota de que as veredas do pobre homem se tornaram tortuosas e levavam a lugares para onde ele não queria ir, não lhe dando a liberdade de “escolher o seu caminho”. É conforme diz o antigo hino: “Eu gostava de escolher e ver meu caminho, mas agora lidera-me Tu” (John H. Newman). O homem afligido foi forçado a seguir veredas tortuosas para a destruição, o que ele jamais escolheria. Ele tinha perdido o poder da vontade e estava seguindo um destino tristonho. A maciça parede de pedras não permitiria que o homem avançasse, pelo que ele foi desviado para um labirinto cheio de confusão e abismos. Cf. este versículo com Jó 19.8. Quanto aos muitos paralelos entre este capítulo e o livro de Jó, ver o gráfico no começo do capítulo.

## 3.10,11

**Fez-se-me como urso à espreita.** A aflição do homem é agora comparada a alguém que foi emboscado e atacado por animais ferozes, como o urso ou o leão. Os perigos que ele enfrenta podem ser temíveis, trazer tristeza, dor e, finalmente, morte. Portanto, ele pode ser despedaçado e devorado por esses animais. Na Palestina alguns animais bem grandes eram tão numerosos que corriam selvagens e constantemente ameaçavam a vida humana, bem como os animais domésticos. Cf. os vss. 10 e 11 com Jó 10.16 e 16.9. O pobre homem que caiu na vereda seguida pelo leão foi despedaçado (vs. 11). No entanto, foi *Yahweh* quem levou a vítima à emboscada, fazendo-o ser apanhado pelo leão ou pelo urso, porquanto é Deus quem intervém na história da humanidade e controla os eventos, pessoais e nacionais. O leão é enviado para atacar o pecador. Cf. estes dois versículos com Osé. 6.1 e 13.8; Amós 5.19; Jer. 4.7; 5.6; 49.19 e 50.44. O resultado dos ataques é a desolação, havendo pesadas perdas.

## 3.12,13

**Entesou o seu arco.** *Yahweh* é o arqueiro especialista cujas flechas nunca erram o alvo. As flechas infligem danos e dor, e também matam. Os vss. 12 e 13 são similares a Jó 16.12,13. Ver também Jó 6.4 e 7.20. O leão (vs. 10) sugere o caçador, mas quando ele aparece em cena, como que para salvar a vítima, o caçador torna-se outro atacante e completa a obra da destruição. Sua aljava vive cheia de flechas mortíferas, e assim ele as atira rapidamente, atravessando o coração do homem (vs. 13). A ponta das flechas de *Yahweh* tinham sido mergulhada em veneno mortífero, pelo que elas eram duplamente eficazes (Jó 6.4). “Os julgamentos de Deus são representados por várias metáforas, como a espada, a fome, a pestilência, os animais ferozes (Deu. 32.23,42; Eze. 5.16; 14.21) e as flechas (Sal. 38.2)” (John Gill, *in loc.*).

## 3.14

**Fui feito objeto de escárnio para todo o meu povo.** Além de ser um alvo para as flechas divinas, o pobre homem era objeto das zombarias do povo, ou seja, dos inimigos, dos amantes e dos ex-aliados de Judá. Ver as zombarias dos escarnecedores em Jer. 20.7. Cf. o versículo com Jó 30.9. Alguns estudiosos pensam que este versículo tem um reflexo messiânico, por ser Ele o tema do cântico dos bebedores (ver Sal. 69.12), mas essa interpretação por certo representa

um exagero. O terceiro capítulo do livro de Lamentações dificilmente é messiânico. O texto massorético aqui diz: "todo o meu povo". Se esse é o texto correto, então os judaítas são retratados como quem zombava das vítimas das punições divinas. Alguns manuscritos massoréticos, além da versão siríaca, dizem "de todos os povos", mudando assim a direção das zombarias dos pagãos. Isso está mais próximo da verdade do que aconteceu, mas a mudança pode ter sido feita de propósito, para dar ao versículo essa idéia, visto que "meu povo" parecia estar fora de lugar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos do Antigo Testamento*, onde incluo material sobre como os textos corretos são escolhidos quando aparecem variantes. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Massora (Massorah): Texto Massorético*. Alguns destacam Jer. 20.7,8, que narra a perseguição de Jeremias por seus conterrâneos de Anatote, e talvez seja isso o que esteja em vista aqui. Como é claro, ele caiu presa de seu próprio rei, foi aprisionado e sofreu terrores. Ver Jer. 37. Mas esses acontecimentos ocorreram antes do cerco de Jerusalém por parte dos babilônios. Talvez o terceiro capítulo de Lamentações ir mais longe que aqueles relacionados aos acontecimentos finais.

## 3.15

**Fartou-me de amarguras.** O profeta ficou *amargurado* por seus sofrimentos. O *absinto* era uma erva amarga como o *fel*. Ver sobre ambas as coisas no *Dicionário*. Cf. Jer. 9.15 e Jó 9.18. Ver também Lam. 1.4 e o vs. 5 deste capítulo. O profeta ficou amargurado por punições extremamente severas, o que também aconteceu à dama, Jerusalém. O povo comia e bebia das ervas amargas e venenosas de suas refeições, e ia sendo encaminhado para a destruição. Cf. Êxo. 12.8 e Núm. 9.11. Ver Lam. 5.19. "... amargas aflições e calamidades, que o profeta e o povo experimentavam" (John Gill, *in loc.*). E eles se embriagaram com a bebida amarga (ver Isa. 51.17,21; Jer. 25.27).

## 3.16

**Fez-me quebrar com pedrinhas de areia os meus dentes.** Mais e mais figuras são empregadas para expressar os severos sofrimentos do profeta sofredor. Agora, mediante o poder de Yahweh, ele foi forçado a mascar pedrinhas, como se tivesse areia como alimento. Ademais, foi "esmagado no pó", pelo pé divino, que o pisava (NCV). Mas a Revised Standard Version diz "cobrir de cinzas". "Pisado aos pés, privado de paz e prosperidade e, assim, levado ao desespero" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver Jó 19.10 e 30.19, que tem paralelo nos vss. 16-18.

"Que figura para expressar desgosto e dor, com a conseqüente incapacidade de receber alimentos para sustentar a vida. Um homem, em vez de pão, é forçado a comer pedrinhas, que ele se esforça por partir com os dentes. Dificilmente alguém pode ler essa descrição sem sentir *dor de dentes*... Então o homem vê-se coberto de cinzas — a idéia de morrer sufocado... Dificilmente alguém pode ler isso sem sentir a *respiração embargada* e os pulmões apertados! Por acaso alguém já conseguiu pintar a tristeza como esse homem?" (Adam Clarke, *in loc.*). "Coberto de cinzas, conforme costumava acontecer aos lamentadores... O Targum diz: 'Ele me humilhou'. A Vulgata e a versão árabe dizem: 'ele me alimentou com cinzas', que leva avante a metáfora da alimentação" (John Gill, *in loc.*).

## 3.17

**Afastou a paz de minha alma.** Coisas altamente valorizadas, como a *paz* e a *prosperidade*, foram aniquiladas por todo aquele sofrimento. A alegria desapareceu. A felicidade se acabou. A vida do homem não mais valia a pena ser vivida. A expressão "minha alma" é simples substituto do pronome "eu". O profeta não estava falando sobre o bem-estar e o destino da alma imortal. Antes, falava sobre o bem-estar físico que tinha sido roubado dele pelas suas calamidades. O roubo duraria pelo resto de sua vida mortal. Os dias bons tinham desaparecido. "Ele se tinha afastado tanto da paz e da prosperidade que perdera toda a noção sobre essas coisas... Ele nunca esperava vê-las de novo" (John Gill, *in loc.*).

## 3.18

**Então disse eu: Já pereceu a minha glória.** A vida gloriosa tinha-se afastado do profeta. A alegria dada pela prosperidade transformou-se em amargura. Sua força foi completamente debilitada. Ele perdeu a esperança. *Yahweh* não era mais seu ajudador. De fato, tinha-se tornado seu inimigo. A fonte de toda essa miséria era divina. O profeta estava sendo punido por causa do pecado. A esperança é o apoio dos miseráveis, mas quando ela se perde a morte é a atração para a qual os homens correm, "a fim de dominá-la". Cf. Sal. 31.22.

*Vivo na esperança, e penso que assim fazem todos aqueles que vêm a este mundo.*

(Robert Bridges)

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança*. Ver Isa. 26.4; 45.24 e Jer. 14.8.

## A Esperança do Profeta (3.19-40)

## 3.19

**Lembra-te da minha aflição e do meu pranto.** *Yahweh* é aqui invocado para abandonar Sua indiferença, ouvir as orações do profeta e correr em seu auxílio. Quanto à *indiferença divina*, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1; 143.7. Embora em total desespero, o profeta levantou a voz a *Yahweh*, o qual podia ajudá-lo se assim desejasse. Este versículo contém tanto o *fel* (vs. 4) como o *absinto* (vs. 15), que foram usados para simbolizar a amarga condição do profeta. Se *Yahweh lembrasse* (notasse) sua condição, poderia usar Sua misericórdia para remediar a situação. A condição do profeta era paralela às condições do povo, incluindo tanto as *aflições externas* (vs. 19a; vss. 1-4) quanto a *turbulência interna* (vs. 19b; vss. 5,13,15). Se o profeta fosse ouvido pelo ouvido divino, outro tanto aconteceria ao povo. Cf. Lam. 1.7. O profeta prefaciou sua esperança (e oração) invocando *Yahweh* a abandonar Sua esperança.

## 3.20,21

**Minha alma continuamente os recorda.** A miséria e o sofrimento do homem (vs. 19) estavam sempre diante de seus olhos e de sua alma. Essas durezas lhe tinham consumido a vida. De fato, tinham-se tornado a sua vida, que não era mais digna de ser vivida. Lembrar essas coisas servia somente para torná-lo mais triste e desanimado. Portanto, ele levantou sua oração e suas esperanças, pois somente *Yahweh* agora poderia ajudá-lo.

*Desce até as profundezas das promessas de Deus,  
As bênçãos nunca serão negadas.  
Ele ama e se lembra de Seus filhos,  
E todas as coisas boas são supridas.*

(Sra. Frank A. Breck)

"Ele se humilhou sob a poderosa mão de Deus, e então sua esperança se reviveu" (Adam Clarke, comentando sobre o vs. 21). Sua alma foi rebaixada (vs. 20); ele foi humilhado, mas então a esperança se ergueu dentre as cinzas. Sua própria fraqueza (vss. 19,20) deu-lhe a esperança de que Deus interviria, visto que a força lhe pertencia (Sal. 25.11,17; 42.5,8; II Cor. 1.9,10).

*Mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse  
o poder de Cristo.*

(II Coríntios 12.9)

"O primeiro raio de esperança irrompeu a melancolia. A tristeza não fora em vão. Isso produziu humildade, e é da humildade que a esperança surge" (Ellicott, *in loc.*). Jarchi retratou a alma esperando até que Deus se lembrasse dela.

## 3.22

**As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos.** Este versículo é um dos mais conhecidos e citados do livro de Lamentações. Talvez seja a *luz mais brilhante* do livro. Fala de uma misericórdia abundante ou, conforme diz a Revised Standard Version, de um "amor constante", traduzindo o termo hebraico *hesed*. Deus lembra a aliança com Seu povo e mostra-se longânimo para com os pecados deles. Portanto, não trata com eles de maneira estrita, punindo-os por seus pecados, quando seria razoável feri-los em Sua ira. Ele permanece com o povo que escolheu e continua a aplicar Sua disciplina sem destruí-los. Deus trabalha visando a modificação do povo, e não a sua destruição. Seu amor é poderoso e, assim, atinge mais alto que a mais distante estrela e mais baixo que o mais profundo inferno. Até seus juízos são remediais, e não meramente retributivos (ver I Ped. 4.6). Os artigos do *Dicionário*, chamados *Misericórdia* e *Amor*, oferecem muito material, incluindo poemas ilustrativos.

"Judá fora rebaixado, mas não eliminado. Deus estava punindo os judeus por seus pecados, mas não os rejeitou como o povo em pacto com Ele... O pacto não fora abrogado. De fato, o amor leal de Deus podia ser visto em Sua fidelidade, ao cumprir Suas maldições (ver Deu. 28)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O julgamento é um dedo da amorosa mão do Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pactos* e em Gên. 15.18 o artigo *Pacto Abraâmico*. Ver a mensagem paralela de Mal. 3.6.

Este versículo tira o livro da futilidade. Deus ainda haveria de escrever outro capítulo contando a história da tragédia e insuflando-a com esperança e prosperidade, finalmente. Diz a Septuaginta: "As misericórdias do Senhor não me abandonaram". A versão siríaca diz: "As misericórdias do Senhor, elas não têm fim". Aben Ezra lembrou que "não há fim das misericórdias do Senhor". "O Senhor é cheio de misericórdias, que Ele concede de maneira livre e soberana. Elas são a mola das coisas boas e nunca falham. Eis a razão pela qual o povo de

Deus nunca é, e nunca será, consumido, ainda que falhe. As misericórdias divinas são de eternidade a eternidade, e estão guardadas em Cristo, o Cabeça dos pactos. Ver Sal. 89.28 e 103.17" (John Gill, *in loc.*).

### 3.23

**Renovam-se cada manhã.** Do mesmo modo que cada novo dia traz o sol de novo, e os homens olham para o alto e sentem a esperança no ar, pois a vida continua, assim também a grande fidelidade de Deus é renovada a cada nascer-do-sol. Cada novo dia põe fim à noite anterior e começa a vida outra vez, e é isso que sucede ao amor constante de Deus, pois grande é a Sua fidelidade.

*Grande é tua fidelidade, ó Deus, meu Pai;  
Não há sombra de mudança em Ti.  
Tu não mudas, Tuas compaixões não falham.  
Como sempre foste, para sempre serás.  
Verão e inverno, primavera e colheita,  
Sol, lua e estrelas, em seus cursos lá em cima,  
Juntam-se a toda a natureza, em múltiplo testemunho,  
A tua grande fidelidade, misericórdia e amor.*

(T. O. Chisholm)

"Com a aurora de todos os dias, descem também as misericórdias de Yahweh" (Ellicott, *in loc.*). "Quem poderia existir por todo o dia, não fora uma contínua providência superintendente? Quem poderia ser preservado à noite, se o Vigia de Israel dormitasse ou dormisse?" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

"Não temas, crê somente". (Mar. 5.36). Essas palavras, conforme alguém disse, são o coração da fé cristã.

### 3.24

**A minha porção é o Senhor, diz a minha alma.** "Digo a mim mesmo: 'O Senhor é o que me resta e, por isso, tenho esperança'" (NCV). Cf. este versículo com Sal. 119.57. "Deus oferece um suprimento novo de amor leal a cada dia, a Seu povo, em pacto com Ele. De maneira muito parecida com o maná no deserto, esse suprimento não se exaure. Essa verdade levou Jeremias a clamar em lamento: 'Grande é a tua fidelidade'. Por causa disso, o profeta continuou a esperar no Senhor. Haveria cura e restauração" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "O Senhor é a porção do Seu povo, na vida e na morte, no tempo e na eternidade. Tudo quanto Ele é e tem, pertence a eles. Eles são Seus herdeiros. Ele é uma porção grande e plena, incalculavelmente rica e grande... Assim sendo, Seu povo continua a esperar Nele, pedindo livramento dos males; no presente, suprimento da graça para aprazimento da glória e da felicidade futura" (John Gill, *in loc.*). "Yahweh, minha porção, uma idéia que nos faz lembrar de Sal. 16.5; 73.26; 142.5; 119.27; o pensamento repousa primariamente sobre Núm. 28.21. Essa é a herança do povo de Deus que eles têm da parte do Pai. Ver Núm. 18.20. Os levitas não tinham herança na terra, conforme acontecia às demais tribos. Yahweh era sua herança. Ver Jer. 10.16. "Cada crente agora é um sacerdote de Deus e pode apropriar-se da mesma linguagem" (Fausset, *in loc.*).

### 3.25,26

**Bom é o Senhor para os que esperam por ele.** Diz o hebraico aqui, literalmente, "esperam ansiosamente" ou "suspiram por". Para eles, por causa de sua sinceridade, Yahweh é bom.

*Visto que Ele me ordena buscar Sua face,  
Crer em Sua palavra e confiar em Sua graça,  
Lançarei sobre Ele todo o meu cuidado.*

(W. W. Walford)

"Aqui o poeta recebe nova e profunda percepção, dando-nos uma bela declaração do real significado de nossa relação com Deus, nosso Pai. Cumpre-nos buscá-Lo e esperar quietamente pela salvação do Senhor, sabendo que é bom para um homem suportar o jugo em sua juventude... Um grande psicólogo disse, certa ocasião: 'Se houver um pecado contra o Espírito Santo, é o pecado de fazer alguma coisa para prejudicar a própria juventude ou a juventude de outrem' (William Pierson Merrill, *in loc.*). "Um homem sábio aconselha à submissão e à penitência, em reconhecimento da retidão e da misericórdia de Deus" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 25). Cf. este versículo com Heb. 11.6; Pro. 8.17; Mat. 7.7; Rom. 2.7; Sal. 9.10 e 69.32. O Deus que proferiu as maldições referidas em Deu. 28 também cumpriria a restauração prometida em Deu. 30. Ver no *Dicionário* o artigo *chamado*.

#### *Sete Princípios Concernentes à Aflição:*

1. A aflição pode ser suportada pelo homem que mantém a *esperança*, em geral e na salvação de Deus, ou seja, na restauração final (vss. 25-30). A salvação tem um aspecto temporal e um aspecto espiritual.
2. A aflição é temporal e temperada pelo amor e pela misericórdia de Deus (vss. 31-32).
3. Deus não se deleita em afligir os homens, mas eles precisam ser disciplinados (vs. 33).
4. As aflições que nos chegam através de nossa injustiças não são aprovadas por Deus, nem é Ele a fonte originária das aflições (vss. 34-36).
5. A soberania de Deus controla as aflições (vss. 37-38).
6. Foram os pecados de Judá que levaram Yahweh a afligir Seu povo (vs. 39).
7. O propósito das aflições é efetuar o arrependimento e a restauração (vs. 40).

### 3.27

**Bom é para o homem...** O jugo provém da lei, que instrui e guia (ver Deu. 6.4 ss.). O jugo é a disciplina de Yahweh por meio de Sua lei. O homem instruído recebe livramento dos efeitos do pecado, tal como Judá foi libertado do cativeiro babilônico. Então o jugo conduz à salvação espiritual da alma. Os ensinamentos no caminho divino devem começar na juventude. Ver Heb. 12.7-11.

No Novo Testamento, o jugo é de Cristo. Ele ensina o discípulo obediente. Ver Mat. 11.29. O ministério do Espírito Santo toma o lugar dos mandamentos da lei, mas a mesma moralidade é ensinada. Todavia, há uma espiritualidade mais profunda no Novo Testamento, em relação ao Antigo. Ver no *Dicionário* o artigo *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

"Os hábitos antigos, quando bons, são valiosos. Uma disciplina iniciada cedo é igualmente boa" (Adam Clarke, *in loc.*, que passa a falar sobre a restrição saudável na juventude, que produz, mais tarde, um homem útil).

*Semeai um ato, e colhereis um hábito,  
Semeai um hábito, e colhereis um caráter.  
Semeai um caráter, e colhereis um destino.  
Semeai um destino, e colhereis... Deus.*

(Prof. Huston Smith)

**Jugo.** Os mandamentos (Targum); a disciplina ou correção (Aben Ezra).

### 3.28

**Assente-se solitário e fique em silêncio.** Um homem disciplinado não exprimirá objeção nem causará confusão. Ele se sentará e ficará em silêncio, aprendendo o que deve do jugo que lhe foi imposto por Yahweh, que provê o ensino e a disciplina. Yahweh é o condicionador da alma, bem como o objeto do andar do homem bom. "Ele não luta contra o jugo, como um boi não acostumado ao jugo (ver Jer. 31.18; Atos 9.5)" (Fausset, *in loc.*). "Ele se senta sozinho. Já aprendeu a lição necessária da *independência*" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse homem não é alguém da multidão que segue as maneiras dos pecadores. Antes, vive separado deles, um homem espiritual que anda na luz.

### 3.29

**Ponha a sua boca no pó.** "Ele deve prostrar-se diante do Senhor com o rosto em terra. Talvez ainda haja esperança" (NCV). Este versículo fala da *humildade* que um homem deve ter para garantir as bênçãos de Deus. Ver o orgulho e a humildade contrastados, nas notas sobre Pro. 11.2 e 13.10. Ver também Pro. 6.17. Quanto a *olhos ativos*, ver Pro. 14.3; 15.25; 16.5,18. O homem bom deve "prostrar-se perante o Senhor" (Targum). Esse é o homem que pode obter a esperança mesmo nas situações de desespero. Cf. o versículo com Jó 42.6. "A imagem é a das prostrações dos súditos orientais diante de um rei. O rosto deles está no pó, pelo que não podem falar" (Ellicott, *in loc.*). No pó há espaço para a esperança, que foge do homem orgulhoso. Ver no *Dicionário* o artigo *chamado*.

Por ocasião do cativeiro babilônico, Judá conservou o rosto em terra e ali encontrou esperança de restauração. Mas a orgulhosa Judá não escapou da severa disciplina procedente da mão de Yahweh, que enviou o exército babilônico para punir Seu povo por causa de seus muitos pecados.

### 3.30

**Dê a face ao que o fere.** O castigo divino veio mediante o imenso abuso dos babilônios, com sua matança e saques, mas veio porque o povo de Judá o merecia. "Foi mais difícil aceitar o castigo divino que veio através de agentes humanos" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a concordâncias verbais, ver Isa. 50.6 e Mat. 5.39. Mas esses são exemplos do justo que sofre nas mãos de homens ímpios e desviados. Aqui, a culpada nação de Judá sofre nas mãos dos pagãos. Toda-

via, alguns vêem aqui o castigo do justo como se fosse correto, e então as referências dadas são paralelas. Parece melhor, porém, ver aqui a Judá pecaminosa sendo restaurada por meio das aflições. O vs. 31 confirma tal interpretação, visto que aqueles uma vez *rejeitados* (entregues às mãos dos babilônios para serem punidos) finalmente foram restaurados, depois de sofrerem com paciência e terem aprendido com a punição. Tudo isso fazia parte do sofrer o jugo do vs. 27. Os vss. 28 ss. descrevem o processo disciplinador e o aprendizado, e não a experiência de um inocente perseguido. O Senhor impôs merecida tristeza, mas depois mostrou compaixão (vs. 32). Há uma aflição contra o justo que Yahweh não aprova (vss. 34-36), mas isso já é outro assunto.

### 3.31

**O Senhor não rejeitará para sempre.** Embora fosse severo, o castigo do cativo babilônico tinha por finalidade expurgar Judá. Após 70 anos (Jer. 25.11,12), o remanescente voltou para Jerusalém e reconstruiu a cidade. Foi o “recebimento” do povo por parte de Yahweh, o que deu início a um Novo Dia. Isso tipificou a maneira como Deus trata Seu povo: o juízo divino é restaurador, e não meramente retributivo. Cf. Sal. 77.7 e Jer. 3.5,12. “A vontade primária e eterna de Deus está ao lado do amor, e o castigo, por assim dizer, é algo contrário à Sua vontade final” (Ellicott, *in loc.*). O juízo traz arrependimento e renovação. Ver Sal. 94.14. Ver Rom. 11.2. Esse princípio é universal, e não provincial (aplicado somente a Israel). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Restauração*.

### 3.32

**Pois, ainda que entristeça a alguém.** A tristeza resulta do julgamento, mas a restauração ocorre na compaixão de Deus, outro nome para o amor que resulta da multidão de Suas misericórdias. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Compaixão*; *Amor* e *Misericórdia*, quanto a completas ilustrações sobre esses princípios divinos. Os castigos divinos duram por algum tempo; Sua misericórdia é para sempre. O amor escreverá o último capítulo da história humana, e todos os outros capítulos foram apenas preliminares. Ademais, o julgamento faz a obra do amor, produzindo mudanças favoráveis. O amor eterno de Deus é que escreverá o capítulo final. A vontade final de Deus está ao lado do amor.

*Cessei de minhas vagabundagens e desvios,  
Meus pecados, que são muitos, foram todos lavados.  
Tenho uma esperança firme e segura.  
Há uma luz no vale da morte para mim.*

(R. H. McDaniel)

### 3.33

**Porque não aflige nem entristece de bom grado.** O amor de Deus não aflige os homens. Deus não é um poder sádico e maligno, como eram muitos dos deuses gregos. Ele é a epítome do bem e do amor. Logo, quando Deus julga, visa realizar algum bom propósito e produzir a restauração. A vontade divina está ao lado do amor eterno e das bênçãos que esse princípio impõe. Por outro lado, o julgamento e o amor são *sinônimos*, visto que o primeiro é um dedo da amorosa mão de Deus, operando para produzir o bem do homem. Note aqui o leitor o título universal de “filhos dos homens”. Os princípios benévolos do Senhor aplicam-se a todos os homens, e não apenas a Israel ou a algum grupo seleto. O hebraico literal é que Deus “não aflige do coração”. O coração de Deus não está no castigo. Antes, está no amor, pois o *Nome de Deus é amor* (ver I João 4.8). “... coração, o centro da volição, bem como das emoções” (Ellicott, *in loc.*). “Deus não se deleita em nossa dor e miséria. No entanto, como pai terno e inteligente, Ele usa a vara, não para agradar a Si mesmo, mas para nosso proveito e salvação” (Adam Clarke, *in loc.*).

*Por misericórdias tão grandes como posso retribuir?  
Eu O amarei, eu O servirei com tudo quanto tenho,  
Enquanto perdurar a minha vida.*

(T. O Chisholm)

### 3.34

**Pisar debaixo dos pés.** A palavra “presos” alude ao *remanescente cativo* na Babilônia, mas a idéia foi generalizada para indicar todos os homens, de todos os lugares, que são prisioneiros do mal, de pecados múltiplos, de horrendos vícios da maldade. Não está no coração de Deus esmagar esses prisioneiros. Antes, Seu negócio consiste em libertá-los e conduzi-los a uma nova vida. “Deus nunca nos aflige, a não ser para o nosso bem. Ele nos castiga para que possamos participar de Sua retidão” (Adam Clarke, *in loc.*). Este versículo é um ótimo João

3.16 de Lamentações. O amor de Deus O levou a dar Seu Filho; e isso produziu a missão universal de amor, para que os homens não pereçam. A prisão rouba o homem de sua individualidade. Mas a salvação liberta os homens para que cumpram seu potencial espiritual, transformados segundo a imagem de Cristo (Rom. 8.29 e I João 2.2). Ver no *Novo Testamento Interpretado* o verbete intitulado *Transformação segundo a Imagem de Cristo*.

### 3.35

**Perverter o direito do homem.** O amor de Deus O deixa indignado quando Ele “vê alguém ser tratado injustamente na presença do Deus Altíssimo” (NCV). Ver no *Dicionário* o artigo sobre o nome divino *Altíssimo*. De Seu exaltado lugar, Ele pode ver todas as injustiças que os homens perpetram uns contra outros, e certamente Ele os julga. A alusão é ao sofrimento dos judeus durante o cativeiro na Babilônia. Houve muitos abusos e também muitas injustiças. Yahweh considerava responsáveis aqueles pagãos, por causa do que faziam, embora eles estivessem administrando um castigo merecido por parte de Judá, por ordem do Senhor. Um cruel castigo faria cessar aqueles que tratavam cruelmente os prisioneiros judeus na Babilônia. Além disso, o *princípio geral* da justiça não permite que a injustiça prevaleça nos tribunais de justiça. Ver Êxo. 23.6. Muitos direitos humanos eram violados nos tribunais de Israel (bem como de outros povos). Yahweh, de Sua elevada posição nos céus, via tudo quanto estava sendo feito, e requeria retribuição, no final. Cf. este versículo com Eclesiastes 5.8.

### 3.36

**Subverter ao homem no seu pleito, não o veria o Senhor?** Êxo. 23.6 e Deu. 10.17 estavam na mente do autor quando ele escreveu este versículo. Ele mudara dos abusos e injustiças dos babilônios contra o remanescente judeu, cativo na Babilônia (vs. 34), para os abusos e injustiças dos tribunais, ou para qualquer lugar onde os direitos dos homens estivessem sendo negados e a injustiça prevalecesse. A NCV diz: “Se alguém for enganado em sua causa no tribunal”, que é a referência primária. São condenadas a perversão deliberada de justiça em um tribunal público no qual os homens, ao que se presume, atuam em nome de Deus (ver Êxo. 23.6), e toda forma de injustiça, mesmo privada, não ligada a tribunal de lei. Homens ímpios esperam que Deus não veja o que eles fazem. Ver Eze. 9.9. Mas essa esperança é vã. Deus olha para tais coisas e as abomina (Hab. 1.13). Diz o Targum: “Será possível que tal coisa não fosse revelada diante do Senhor?”.

### 3.37

**Quem é aquele que diz, e assim acontece...** A *soberania de Deus* controla o resultado de todas as coisas. Ademais, o que o homem planeja não pode ocorrer a menos que a soberania de Deus a cause ou a permita. Nenhum homem pode provocar coisa alguma meramente ordenando-a. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. Este versículo reverbera Sal. 33.9. “O mal que Ele permite está sob o controle de Seus propósitos amorosos” (Ellicott, *in loc.*). Deus falou, e a criação veio à existência. Os homens são agentes ativos que fazem coisas acontecer, mas suas palavras não são poderosas, a menos que Deus esteja na questão, provocando ou permitindo os acontecimentos. Essas palavras atuavam como um consolo para o remanescente cativo na Babilônia. A palavra de Deus em breve haveria de libertá-los, e todas as más manipulações dos homens não poderiam entravar isso. O decreto de Ciro obedeceu à vontade de Deus, e os judeus tiveram a liberdade de voltar a Jerusalém e reconstruí-la. Foi assim que nasceu um Novo Israel e raiou um Novo Dia.

*Enquanto palmilho o labirinto escuro,  
E as tristezas se espalham a meu redor,  
Sê Tu meu guia.  
Ordena que as trevas se transformem em dia.  
Enxuga as lágrimas da tristeza,  
E não me deixes desviar-me  
Para longe de Ti.*

(Ray Palmer)

### 3.38

**Acaso não procede do Altíssimo...?** O bem supremo é declarado pela boca do *Altíssimo* (ver a respeito no *Dicionário*). O *mal* também é pronunciado, ou seja, os homens devem sofrer por seus pecados. Deus é assim a fonte do bem supremo e do julgamento esmagador, mas, em última análise, essas coisas são iguais, pois ambas se originam em Seu amor eterno. Neste versículo não há idéia sobre o ser de Deus como fonte do mal e do senso moral, embora Ele use os homens imorais para fazer Sua vontade. E por certo não há aqui idéia de Deus como a *Causa Única*, como se homens ímpios não fossem a causa de muitas

tristeza deste mundo. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias e, algumas vezes, advogava Deus como a causa única, fazendo Dele a causa do mal. Isso, porém, é uma teologia unilateral, que o calvinismo extremado também defende.

“A calamidade e a prosperidade não procedem igualmente de Deus?” (Jó 2.10; Isa. 45.7; Amós 3.6) (Fausset, *in loc.*).

## 3.39

**Por que, pois, se queixa o homem vivente?** Nenhum homem pode queixar-se porque o mal que Deus envia é punição contra os pecados. O remanescente cativo estava pagando por seus pecados, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Nenhum homem tinha o direito de queixar-se do sofrimento que ele mesmo havia causado por sua iniquidade. Aquele que peca deve esperar consequências desagradáveis de seus atos. “Nenhum homem deve queixar-se quando é punido por seus pecados” (NCV). Cf. este versículo com Jer. 45.5. O queixador potencial deste versículo continuava vivo, a despeito de suas aflições. Outros tinham sido removidos desta vida por causa de seus pecados. Portanto, por que o homem vivo deveria queixar-se de seu julgamento inferior? Este versículo não subentende punição além do sepulcro. Estamos tratando apenas de castigos temporais, neste versículo. A retribuição contra o pecado não é uma injustiça. Ademais, o castigo vem do Pai, que corrige Seus filhos. Os juízos divinos podem ser amargos, mas são doces quando fazem o que devem fazer. Cf. Heb. 12.6,7.

## 3.40

**Esquadrinhemos os nossos caminhos.** Em vez de queixar-se da dor, quando castigado, o sábio examinará seus caminhos e verá onde errou e se rebelou. Em seguida, arrepender-se-á e retornará ao Senhor. Isso acalmará a ira divina, que começará a abençoar o homem, pois agora ele está andando na luz. Começando aqui, o poeta se identificou com o povo, e esse modo de expressão continua até o vs. 47. “O sofrimento chama um homem ao auto-escrutínio. Devemos conhecer os pecados que o castigo pretende punir e corrigir” (Ellicott, *in loc.*).

O profeta aliou-se aos sofrimentos do remanescente judeu na Babilônia e convidou que se fizesse um sábio exame dos erros que causaram o cativeiro na Babilônia. “A aflição de Deus tinha por designio servir como medida corretiva de restaurar o Seu povo desviado (ver Deu. 28.15-68). Seu designio foi forçar o povo a voltar-se para o Senhor (Deu. 30.1-10)” (Charles H. Dyer, *in loc.*).

## A Oração do Pecador (3.41-66)

## 3.41

**Levantemos os nossos corações.** A oração resulta do exame da vida. Os homens arrepender-se-ão e buscarão o perdão e o consolo de Deus, além de nova direção para a vida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*. O profeta descreveu, mediante termos claros e simples, o que se espera de um homem que foi tocado pelo Espírito de Deus, no que tange a desejar uma vereda melhor. Ele deve reconhecer claramente sua culpa e buscar reforma. Tem de humilhar-se e deixar a rebeldia. Precisa “limpar a tábua”, mediante o arrependimento. Deve *eleva seu coração* a Deus, sinceramente. O quadro é de um suplicante sincero. Cf. este versículo com Sal. 141.2 e I Tim. 2.8. “O coração deve estar ao lado da oração do homem, ou de nada adiantará. A alma deve ser elevada a Deus” (John Gill, *in loc.*).

## 3.42

**Nós prevaricamos, e fomos rebeldes.** A *Confissão*. O povo judeu transgrediu a lei mosaica, especialmente quanto à questão da idolatria. Tornou-se culpado de idolatria-adulterio-apostasia. Eles foram rebeldes porque tinham luz suficiente para saber que o que faziam era iniquidade e perversão da fé histórica de Israel. Continuaram rebeldes, e Yahweh não os perdoou. Por isso o juízo divino sobreveio, e o exército babilônico avançou contra Jerusalém. Os babilônios mataram e saquearam, e os poucos sobreviventes foram levados à Babilônia como cativos. Todos esses golpes divinos mudaram a maneira de pensar dos rebeldes, e eles voltaram purificados. Tornaram-se assim instrumentos da restauração, mas não antes da temível remoção da vasta maioria, mediante feroz destruição. Ambos os pronomes usados neste versículo são enfáticos. Os *suplicantes* pecaram; e Deus ainda não (nos, vós) havia perdoado.

## 3.43

**Cobriste-nos de ira, e nos perseguiste.** A *Figura do Caçador*. O feroz caçador, coberto de ira como se fosse uma veste, perseguiu o animal insensato. Ele o alcançou e o matou sem dó. Ou a figura é a de um soldado em perseguição, atrás de uma vítima impotente que tentava escapar, mas que acabou sucumbindo

diante do caçador. As vestes do caçador podem aludir à armadura e às armas do soldado sem misericórdia. O Targum faz a cobertura aplicar-se à vítima: “Tu nos cobriste com a Tua ira”. A vítima foi *perseguida*, ao que o Targum adicionou “no cativeiro”.

## 3.44

**De nuvens te encobriste.** A *cobertura* do vs. 43 agora torna-se diferente quanto à sua natureza, a saber, uma *nuvem* que ocultava Yahweh das orações feitas pela vítima. A *nuvem* significa que Yahweh se tornou *indiferente* para com Judá, enquanto a nação estivesse na rebeldia. Quanto à aparente indiferença de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 43.7. Deus deixou de responder às orações de Seu povo rebelde e apostatado. Isso fazia parte do castigo, o qual era remedial, e não apenas retributivo.

## 3.45

**Como cisco e refugio nos puseste.** As tribulações da nação (estando ela sob a ira de Deus; cf. Lam. 2.1,3,6,22; 3.43) incluíam o fato de que suas orações não eram respondidas, e de que eles se tornaram como o refugio rejeitado pelos outros povos. E, desnecessário é dizer, esse refugio também era rejeitado por Yahweh como indigno de atenção. “Tu nos fizeste o refugio e o lixo entre as outras nações” (NCV). “Os apóstolos foram tratados assim (ver I Cor. 4.14), mas se regozijavam diante disso, pois eram inocentes” (Fausset, *in loc.*). Judá era culpada de seu pecado e merecia ser humilhada entre as nações, como o mais vil dos povos que tinha abandonado seu Deus e se tinha voltado para deuses de nada, os ídolos.

**Refugio.** A sujeira tirada de um objeto mediante lavagem; a varrição da sujeira e dos escombros das ruas; a escória dos metais refinados; o lixo tirado dos soalhos de uma casa; as crostas extraídas das painéis de uma cozinha. Eles eram, realmente, o *lixo* que as pessoas jogavam fora.

## 3.46

**Todos os nossos inimigos...** Para chorar ainda mais as condições, os inimigos de Judá zombavam deles, condenando-os com declarações cortantes. Em outras palavras, eles adicionavam insultos às injúrias. Este versículo é similar a Lam. 2.16, onde ofereço outras notas. “Como se fossem leões e outras feras, eles abriram a boca para nos devorar; ou escarneciam e zombavam de nós; derramando suas reprimendas e zombarias...” O Targum adiciona: ‘para ordenar contra nós maus decretos’ (John Gill, *in loc.*).

## 3.47

**Sobre nós vieram o temor e a cova.** Caçados como uma fera por um caçador sem misericórdia, o povo se encheu de pânico e terror. Eles caíram nas valetas e foram apanhados pelas armadilhas, e assim acabaram destruídos. Depois de Judá experimentar tais calamidades, eles foram forçados a reexaminar sua vida e buscar reforma da parte de Yahweh. O hebraico literal aqui é “cova e laço”, que também se vê em Jer. 48.43 e Isa. 24.17. O animal que era perseguido fugiu em pânico e terror, mas de súbito foi apanhado por um laço. Judá foi devastado e tornou-se desolado, virtualmente desabitado (Jer. 10.25). O *terrível trio* espada-fome-pestilência reduziu Judá a virtualmente nada. Ver sobre esse trio em Jer. 14.12; 24.10; 27.8; 29.17; 42.17 e 44.13.

## 3.48

**Dos meus olhos se derramam torrentes de águas.** A metáfora dos rios de água, indicando copioso choro devido à calamidade sofrida por Judá, já tinha sido empregada em Lam. 1.16 e 2.18. As notas dadas ali também têm aplicação aqui. Ver também Jer. 9.1, onde a mesma metáfora é usada. Cf. Sal. 119.136. Esse uso “denota a grandeza de sua tristeza e tribulação diante das aflições do povo, por quem o autor chorava muitas lágrimas” (John Gill, *in loc.*).

## 3.49,50

**Os meus olhos choram.** O fluxo copioso de lágrimas (vs. 48) continuava sem cessar, pois as calamidades prosseguiram e o profeta não via fim em suas tristezas; e elas *continuariam* até que Yahweh, lá nos céus, olhasse para baixo, tivesse piedade e fizesse algo sobre a questão (vs. 50). Como é claro, temos aqui uma hipérbole oriental, visto que seria fisicamente impossível para um homem continuar chorando dia após dia. Mas não há como exagerar a descrição da destruição de Jerusalém, que foi terrível “só de contar”, quanto mais na realidade, como Homero costumava dizer quanto a calamidades drásticas. Havia uma promessa de que Israel seria restaurada após os desastres (ver Deu. 30.2,3), pelo que o profeta continuava esperando por isso. Ver também Isa. 63.15. Diz o Targum: “Até que ele olhe e veja a minha injúria”.

## 3.51

**Os meus olhos entristecem a minha alma.** Os olhos de Jeremias causavam-lhe imensa tristeza, quando ele via a sorte das donzelas da cidade. “Filhas”, aqui, pode apontar para a população geral, visto que Jerusalém era representada como uma *mulher* (ver Lam. 1.6,15; 2.1,2,4,5,10; 4.8,10,13 etc.). Alguns eruditos, porém, supõem que o profeta estivesse falando aqui especificamente sobre o que sucedera às jovens da cidade, matanças e violações, bem como transporte de mulheres seletas para aumentar os haréns da Babilônia, e das mulheres não tão bonitas para servir como escravas. As mulheres e crianças eram as vítimas que mais dó causavam, no ataque e subsequente cativo. Mas alguns pensam que as “filhas” sejam as cidades secundárias de Judá, caso em que Jerusalém seria a mãe, e elas seriam as filhas. O sentido aqui pode ser: “Meu coração foi mais afetado por essas calamidades que atingiram o mais terno sexo feminino, do que as calamidades que atingiram as outras classes”.

## 3.52

**Caçaram-me como se eu fosse ave.** A *Metáfora da Pobre Ave*. A maior parte das aves é composta de criaturas impotentes que nos excitam a piedade. Judá inteira era como uma ave, quando os caçadores babilônios a perseguiram com redes e desígnios assassinos. O caçador estava resolvido a matar a ave, embora não tivesse razão para fazer isso. Este versículo ignora o raciocínio, comum nas cenas proféticas de condenação, no qual a matança e o saque tinham sido ordenados por Yahweh contra um povo desobediente. Ver o vs. 32, onde aprendemos que *Ele* causou a tristeza sofrida por Judá. Para extrair sentido das palavras “sem motivo”, alguns intérpretes pensam que este versículo se refere aos sofrimentos pessoais do profeta, que foi perseguido e ameaçado por seus conterrâneos de Anatote (ver Jer. 11). Em seguida, Jeremias foi perseguido pelo rei e lançado na prisão (cap. 37). Mas ele era homem inocente, odiado por dizer a verdade, pelo que as palavras “sem motivo” se ajustam pessoalmente a ele, ao mesmo tempo que dificilmente se ajustam ao culpado povo de Judá. Alguns queriam sua execução (ver Jer. 26.7-9), embora não houvesse razão alguma para ele ser odiado daquele modo. Nisso, Jeremias foi tipo do Messias (ver João 15.25). Ver também Sal. 69.4 e 109.3,4.

## 3.53

**Para me destruírem, lançaram-me na cova.** A alusão, aqui, é à “experiência de Jeremias na masmorra”, quando ele foi aprisionado (Jer. 37), ou à sua permanência nas cisterna (Jer. 38). A referência à pedra que bloqueava o caminho pode ser literal, visto que pedras eram usadas para tapar as saídas das masmorras, embora também possa ser figurada. A Revised Standard Version usa o plural aqui, “pedras”, tal como se vê em nossa versão portuguesa. Isso poderia significar que o profeta, em sua masmorra ou na cisterna, foi apedrejado, não para morrer, pois seus perseguidores somente jogaram pedras contra ele. Mas a experiência toda simbolizava a perseguição sofrida por Judá no *cativo babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. com a experiência de Jesus, em Mat. 27.60. Os judeus, no cativo, foram comparados a cadáveres em seus sepulcros (ver Eze. 37.11), e este versículo pode apontar para isso.

## 3.54

**Águas correram sobre a minha cabeça.** Esta poderia ser uma hipérbole oriental para o fundo úmido da cisterna (Jer. 38), ou então uma metáfora para salientar o severo teste que o profeta experimentou, tal como sucedeu a Judá, no ataque e subsequente cativo por parte dos babilônios. “... um emblema de calamidades avassaladoras (ver Sal. 69.2; 124.4,5)” (Fausset, *in loc.*).

*Sua graça é grande o bastante para satisfazer grandes coisas  
As ondas empoladas que avassalam a alma,  
Os ventos uivantes que nos deixam tontos,  
As tempestades súbitas fora de nosso controle.*

(Annie Johnson Flint)

## 3.55

**Da mais profunda cova, Senhor...** Estando na masmorra, o profeta apelou para sua única esperança, a *oração*. Ele levantou a voz para Yahweh, que aparentemente se mostrava indiferente diante de seus suspiros (ver Sal. 10.1; 28.1 e 59.4). Cf. Sal. 88.6. “... quando toda a esperança tinha morrido e toda outra ajuda tinha falhado, ainda havia Deus, um Deus a quem orar. Nunca é tarde demais para invocá-Lo” (John Gill, *in loc.*).

*Em nossas alegrias e em nossas tristezas,  
Dias de labuta e horas de lazer.  
Contudo Ele nos dá cuidados e prazeres.*

(Sra. Cecil F. Alexander)

Ver Jon. 2.2. O profeta Jonas invocou o Senhor quando estava no ventre do grande peixe, em circunstâncias totalmente impossíveis. A resposta de Deus reverteu sua condição de condenação.

## 3.56

**Ouviste a minha voz.** A oração de desespero foi ouvida, e o Espírito de Deus se aproximava da vítima da calamidade. O profeta continuava respirando forte em sua aflição, e a cada tomada de fôlego havia nova oração. Em vez de respiração, alguns dizem *suspiros* e *soluços*. A palavra hebraica em questão pode significar *ofego*. “Ele foi obrigado a sussurrar sua oração a Deus. Foi apenas uma respiração” (Adam Clarke, *in loc.*).

*Eu lhe conto minhas dúvidas, tristezas e temores;  
Oh, com quanta paciência Ele escuta!  
E minha alma cambaleante é animada.  
Quando a alma está desmaiada e sedenta,  
Por baixo da sombra de suas asas,  
Há frescor e abrigo agradável,  
Estando Ele tão próximo.*

(Ellen Kakshmi Goreh)

## 3.57

**De mim te aproximaste no dia em que te invoquei.** Deus resolveu pleitear a causa do homem pobre e assim aproximou-se dele e proferiu palavras de ânimo. Disse ao homem para não *temer*, e assim dissiparam-se os seus temores. “Vieste perto quando eu te invoquei. Disseste: ‘Não temas’” (NCV). “Quando as pessoas se aproximam de Deus... invocando Seu nome, Ele se avizinha e opera a salvação com graça e misericórdia. Diz o Targum: ‘Vieste como um anjo e, achegando-te, me livraste, no dia em que orei a Ti’. Ver Isa. 41.10” (John Gill, *in loc.*).

*Que Amigo temos em Jesus,  
Todos os nossos pecados e tristezas Ele leva!  
Que privilégio é levar  
Tudo a Deus em oração.*

(Joseph Scriven)

## 3.58

**Pleiteaste, Senhor, a causa da minha alma.** Quando o Senhor se aproximava, Ele o faz como Redentor e Advogado. Ele pleiteou a causa do pobre e então o redimiu de todas as suas dificuldades. Cf. Sal. 35.1 e Miq. 7.9. “Yahweh apareceu como advogado ou parente próximo protetor do profeta. As perseguições tinham por fim arrebatá-lo a vida. Temos aqui outras referências pessoais à vida do profeta. Cf. Jer. 26.8-17; 37.14 e 38.4” (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Goel*. “Jeremias tornou-se assim um exemplo vivo do amor leal de Deus e de Sua fidelidade (cf. Lam. 3.22-23)” (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 51.36.

*Oh! que paz com frequência perdemos,  
Oh! quanta dor desnecessária sofremos,  
Tudo porque nós não levamos,  
Tudo a Deus em oração.*

(Joseph Scriven)

## 3.59

**Viste, Senhor, a injustiça que me fizeram.** Alguém fez uma injustiça contra o profeta, pelo que foi mister Yahweh defender a causa dele. Ninguém estava por perto para ajudar, e quem estava ali só queria prejudicar. Grandes injustiças estavam sendo perpetradas. Jeremias foi o profeta da condenação de Judá, desdizendo as palavras dos falsos profetas, que prometiam paz e prosperidade. Jeremias, porém, advogava a rendição diante dos babilônios, um poder irresistível, para que os judeus salvassem sua vida. Seus conterrâneos o ameaçaram (Jer. 11) e o acusaram de traição. Ele foi ameaçado de morte, mas escapou (Jer. 26). Foi aprisionado (Jer. 37) e lançado em uma cisterna para morrer (Jer. 38). Todas essas coisas foram graves injustiças contra ele, perpetradas por homens ímpios e desvairados. Mas ele foi *vindicado* quando suas profecias se mostraram verazes; Judá foi aniquilado, e os poucos sobreviventes foram levados para o cativo na Babilônia. E então Jeremias foi levado para o Egito pelos judeus que abandonaram a Terra Prometida. Ao que tudo indica, o profeta morreu ali em paz. Ele foi invencível e sua missão se completou, e o Senhor o livrou de todas as crises que lhe ameaçavam a vida. A graça divina foi suficiente para ele.

*A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.*

(II Coríntios 12.9)

### 3.60

**Viste a sua vingança toda.** Este versículo reitera a idéia central do vs. 59: as perseguições que Jeremias sofreu às mãos de homens ímpios. Sumário, naquele versículo, os piores ataques contra a sua vida. Yahweh tinha plena consciência do que estava ocorrendo, mas, por fim, atacaria os atacantes, endireitando assim as contas. Yahweh viu o “espírito de vingança deles; a sua ira e fúria, e como eles requemavam com o desejo de prejudicar o profeta. Ele viu seus atos desprezíveis, seu comportamento vil; entendeu a iníqua imaginação deles, a elaboração de seus planos e esquemas” (John Gill, *in loc.*). “Tudo está aberto diante dos olhos de Deus, oh, alma aflita... Ele derrotará infalivelmente todos os planos deles e te salvará” (Adam Clarke, *in loc.*). “*Todos os seus pensamentos*, as mesmas palavras que os planos referidos em Jer. 11.19 e 18.18, aos quais o autor sacro, como é óbvio, se refere” (Ellicott, *in loc.*).

### 3.61

**Ouviste as suas afrontas, Senhor.** O profeta repisa a questão, relembrando os escárnios de seus inimigos, as zombarias de homens ímpios que lhe faziam carrancas de ira. Seus atos eram acompanhados pela fala insolente. Eles usaram de linguagem abusiva contra um homem inocente e então prosseguiram com seus planos assassinos de tirar-lhe a vida. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*, bem como notas adicionais sobre o assunto, em Sal. 5.9; 12.2; 15.3 e 17.3. “... a linguagem desprezível deles, seus escárnios, suas zombarias e mofas” (John Gill, *in loc.*), o que reflete a imaginação de seu coração, por meio da qual eles tinham esperado aniquilar o profeta.

### 3.62

**As acusações dos meus adversários.** Este versículo refaz levemente as coisas que já tinham sido ditas no vs. 61. Yahweh tinha consciência do que aqueles homens insolentes estavam dizendo com os lábios, e era conhecedor de seus *pensamentos*, que inventavam atos destruidores o dia inteiro. Os lábios são paralelos às “afrontas” do vs. 61.

### 3.63

**Observa-os quando se assentam e quando se levantam.** “Vede! Em tudo quanto fazem, zombam de mim com cânticos” (NCV). O hebraico diz aqui, literalmente, *sentam-se e levantam-se*, atos comuns da vida que representam todas as atividades. Em tudo quanto faziam, não se esqueciam de escarnecer do profeta. Ele se tornou a letra da canção daqueles homens iníquos e embriagados. Cf. Sal. 69.12, onde temos algo similar. O vs. 14 deste capítulo nos dá a substância dessa queixa. Ver as notas ali.

### 3.64

**Tu lhes darás a paga, Senhor.** Os homens que agirem como faziam aqueles réprobos (conforme se descreve nos vss. 58-63) sofrerão a retribuição divina apropriada. O que eles semearam, terão agora de colher (Gál. 6.7,8). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lex Talionis* (retribuição conforme o crime cometido). A Septuaginta e a Vulgata Latina apresentam as palavras deste versículo como uma profecia. Esses pecadores não escaparão da vingança divina, porquanto a palavra profética predisse a condenação deles. Cf. Jer. 50.15,29. Ver Sal. 28.4, que é bastante similar a este versículo. Paulo reproduziu esse sentimento em II Tim. 4.14.

### 3.65

**Tu lhes darás cegueira de coração.** A vingança contra aqueles homens ímpios e desvaídos significa que eles sofrerão tremenda tristeza no coração. Eles saberão o que significa ser ferido pelo golpe divino e sofrer ansiedades e temores, como sucedeu às suas vítimas. A *maledição* de Deus estará sobre eles. “Os líderes, responsáveis por terem rejeitado e perseguido a Jeremias, foram punidos pela Babilônia (ver Jer. 39. 4-7; 52.7-11,24-27). O paralelo de Jerusalém é óbvio. A cidade também foi perseguida por inimigos (Lam. 3.46,47), mas confiava que Deus a vindicaria antes de seus inimigos, se ela se voltasse para Ele” (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. este versículo com Isa. 6.10 e II Cor. 3.14,15. Aqueles homens tinham o coração *coberto* pela cegueira e pela rebelião. O coração deles era duro, pelo que eles praticavam o mal que agradava sua mente perversa. Isso não poderia continuar. Eles tinham de ser afastados dali. A Septuaginta substitui “cegueira de coração” por “cobertura de coração”, que é uma tradução possível. Estão em foco a *cegueira* e a *dureza*. O coração deles

tinha-se tornado insensível a qualquer apelo divino, pelo que eles estavam destinado à ruína. Esses homens sofreram de *Cegueira Judicial* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

### 3.66

**Na tua ira os perseguirás.** Yahweh, em Seu alto céu, envia relâmpagos e fere aqueles homens miseráveis. Da mesma forma que eles haviam perseguido e destruído, serão perseguidos e destruídos, provavelmente por meio de instrumentos humanos, como os babilônios. Ver Jer. 39.4-7 e 52.7-11,24-27. Assim teria cumprimento a *Lei Moral da Colheita segundo a Sementeira* (ver a respeito no *Dicionário*). “Este versículo parece aludir à predição caldaica em Jer. 10.11. Por sua conduta, eles atraíram contra si mesmos a maldição denunciada contra seus inimigos” (Adam Clarke, *in loc.*). “Destrói-os da terra do Senhor” (NCV). Diz o hebraico, literalmente: “de sob os céus de Yahweh”, referindo-se à terra localizada debaixo dos céus. “A frase é excepcional mas, como é óbvio, equivalente ao *mundo inteiro*, considerado o reino de Deus” (Ellicott, *in loc.*).

## Capítulo Quatro

### Quarta Lamentação: A Ira de Yahweh. Reconhecimento da Fidelidade de Deus (4.1-22)

Este capítulo é paralelo ao capítulo 2, e ambos falam dos juízos de Yahweh contra homens ímpios e desvaídos. Jeremias voltou a falar sobre as calamidades de Jerusalém, decorrentes de sua idolatria-adulterio-apostasia. Foi provido contraste entre as condições daquela cidade antes e depois do cerco efetuado pelo exército babilônico (vss. 1-11). As causas do cerco são declaradas nos vss. 12-20. A esperança da restauração é levantada nos vss. 21 e 22.

*Alguns Paralelos em Lam. 4.1-11.* Temos aqui um artifício literário para efeito de ênfase, onde os vss. 1-6 recebem paralelos nos vss. 7-11:

|                                           |                                    |
|-------------------------------------------|------------------------------------|
| 1. Vss. 1-6                               | Vss. 7-11                          |
| O valor dos filhos de Sião é desprezado   | O valor dos príncipes é desprezado |
| 2. Vss. 3-5                               | Vss. 9,10                          |
| Crianças e adultos sofrem juntos          | Crianças e adultos sofrem juntos   |
| 3. Vs. 6                                  | Vs. 11                             |
| Conclusão: a calamidade do castigo divino |                                    |

Este capítulo é aliado próximo do capítulo 2. “Contrasta a humilhação de Jerusalém às mãos dos babilônios com seu anterior esplendor, e lança a culpa sobre os sacerdotes e profetas (vss. 13-16). Tal como o capítulo 2, trata-se da obra de uma testemunha ocular do cerco, e é ao mesmo tempo vívida e concreta” (Theophile J. Meek, *in loc.*).

### 4.1

**Como se escureceu o ouro! Jerusalém, a Dourada,** tomou-se escurecida e embotada. Não mais refletia a glória do Senhor. As pedras, antes grandiosas, como tantas gemas, constituíam o templo e seus esplendorosos edifícios. Agora aquelas pedras estavam espalhadas e se tornaram um montão de escombros. Com uma metáfora de coisas preciosas feitas comuns e corruptas, o profeta falou sobre o atual estado horrendo da cidade, depois que os babilônios terminaram sua missão destruidora. O vs. 2 faz essas coisas preciosas ser os habitantes da cidade, mas a referência é lata o bastante para incorporar o templo e suas riquezas materiais. “O ouro, o ouro fino e as pedras sagradas são o templo, os seus tesouros que são então usados como uma metáfora para as possessões *mais preciosas* de Jerusalém, a saber, os seus habitantes” (Theophile J. Meek, *in loc.*). Cf. este versículo com Lam. 1.10 e I Reis 6.22. Toda a casa de Salomão estava recoberta de ouro, como também todo o altar (ver Jer. 3.19).

*Vede como o ouro perdeu o seu brilho!  
Vede como o bom ouro mudou!  
As pedras do templo estão espalhadas  
Por todos os cantos da rua.*

(NCV)

### 4.2

**Os nobres filhos de Sião.** Os filhos de Sião, que antes eram como ouro fino, foram mudados em vasos de barro quebrados pelos atacantes babilônios. O valor deles foi perdido com o sangue foi derramado no chão. Os filhos de Sião eram filhos de Deus altamente estimados, mas agora formavam apenas um bando de potes que algum oleiro humano tinha feito.

"Eles valiam seu peso em ouro, pois o hebraico diz, literalmente, 'aqueles pesados a peso de ouro fino'" (Theophile J. Meek, *in loc.*). O barro era o material comum usado para vasos de utilidade, tanto na cozinha como fora dela. Esses vasos tinham pouco valor e podiam ser substituídos facilmente, caso se quebrassem. Os filhos de Sião tornaram-se inúteis e foram jogados fora como lixo. Cf. Isa. 30.14; Jer. 18.1-6 e 19.1-10. Ver também Sal. 31.12.

## 4.3

**Até os chacais dão o peito.** Até animais ferozes e cruéis como os *chacais* têm sentimentos de ternura para com os filhotes, garantindo que eles receberão leite materno suficiente. Porém, endurecidas pelo que os babilônios lhes fizeram, as mães de Judá terminaram comendo os próprios filhos! (Lam. 2.20). Elas se tornaram piores que as feras do campo, e se assemelharam a avestruzes, que têm a reputação de negligenciar os filhotes (Jó 39.13-18). A mãe avestruz põe os ovos na areia, onde são pisados sob os pés, e os poucos que sobrevivem não são tratados com nenhum cuidado especial. Os *chacais*, antes abundantes em torno do mar Mediterrâneo, viajavam em bandos e se associavam em áreas desoladas (ver Isa. 35.7; Jer. 9.11; 10.22; 49.33; Mal. 1.3). Eles eram (e são) cruéis contra outras formas de vida, mas pelo menos cuidam dos filhotes.

## 4.4

**A língua da criança que mama.** O cerco reduziu Jerusalém à inanição. Os poucos sobreviventes competiam para consumir os alimentos restantes. As crianças pequenas morriam de sede e fome, e muitas estavam feridas e sofriam. As crianças em idade de mamar não tinham mais o leite materno. A mãe delas estava morta, ferida ou moribunda. Algumas mães chegavam a comer os filhinhos famintos! As crianças maiores, entretanto, estavam nas ruas, esmolando pão, mas ninguém compartilhava com elas coisa alguma. Cf. Lam. 2.12, 19, 20. O profeta pinta um quadro desesperado e sanguinário, e devemos entender que a idolatria-adulterio-apostasia de Judá é que os pusera nessas condições deploráveis.

## 4.5

**Os que se alimentavam de comidas finas.** Os ricos, acostumados a comer comidas finas e usufruir os luxos da vida, pereciam nas ruas como esmoleiros comuns, de quem ninguém tinha pena. Estavam feridos e morriam de fome em montões de cinzas, pois tinham sido reduzidos a nada. Aquelas pessoas foram acostumadas a usar roupas finas, mas agora sua condição era de miséria, jazendo eles entre as cinzas, feridos e mortos de fome!

*As pessoas que tinham crescido usando roupas finas agora reviravam as latas de lixo.*

(NCV)

**Os que se criaram entre escarlata.** "A escarlata, tal como se vê em II Sam. 1.24, representa os xales ou vestes dos ricos, tingidos, por assim dizer, com a púrpura ou o carmesim de Tiro. Os que se tinham adornado com essas vestes de excelente qualidade agora se refugiavam nos monturos como seu único refúgio" (Ellicott, *in loc.*).

**... se apegam.** O hebraico diz aqui, literalmente, *abraçam*. Aqueles que evitavam qualquer tipo de imundícia agora se jogavam nos monturos, seus lugares de descanso, de onde eles esperavam extrair alguma coisa para manter-se vivos. Os monturos e os montões de cinzas continuavam sendo características conspicuas nas aldeias orientais.

## 4.6

**Porque maior é a maldade da filha do meu povo...** O profeta lembra que toda aquela calamidade era um *castigo* da parte de Yahweh. Em sua opinião, algo pior do que o que tinha acontecido em Sodoma e Gomorra. O terremoto e a atividade vulcânica que houve em seguida varreram completamente aquela gente, juntamente com outras cidades da planície, e isso foi o fim de tudo. Mas Jerusalém estava sujeita a uma morte lenta, em meio a terrores e cruéis sofrimentos. "A destruição de Sodoma foi instantânea, mais misericordiosa do que a agonia arrasada por longos anos de Jerusalém" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ambas caíram sob o peso da pesada mão de Yahweh. Ver sobre *mão divina* em Sal. 81.14; e sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Outra vantagem de Sodoma foi que "mão alguma" se fez sentir sobre ela. Antes, uma força temível da natureza, dirigida por Deus, aniquilou a cidade em pouquíssimo tempo. Mas cruéis mãos humanas afligiram Jerusalém com uma agonia prolongada. Cf. este versículo com II Sam. 24.14; Mat. 10.15 e 11.24. Ver Gên. 19.24.

"Embora os habitantes de Sodoma fossem grandes pecadores, os judeus foram muito piores. Os pecados deles eram agravados. Com isso concorda o Targum, que diz que os judeus tinham luz muito maior, o que tornou o pecado deles muito maior" (John Gill, *in loc.*).

**Sem o emprego de mãos nenhuma.** O hebraico por trás desta tradução é incerto. Dou uma tradução padrão acima: foram cruéis mãos humanas que afligiram Jerusalém. Mas tanto a NCV quanto a NIV fazem a mão ser uma *mão potencialmente ajudadora*, que não se estendeu nem ajudou. Tanto Sodoma quanto Jerusalém pereceram sem receber ajuda de nenhuma agência, humana ou divina. Portanto, a desolação dessas duas cidades foi grande, já que não houve esperança quando elas foram esmagadas pelo castigo divino.

## 4.7

**Os seus príncipes eram mais alvos do que a neve.** A palavra hebraica aqui traduzida por "príncipes" pode significar "devotos", e a King James Version pensa ser isso uma alusão aos nazireus. A maior parte dos eruditos, porém, rejeita esse significado, e alguns emendam o hebraico para uma palavra similar, produzindo "jovens". Seja como for, é evidente que devemos pensar na elite do povo. O profeta falou poeticamente a respeito. Eles eram mais "alvos do que a neve" e mais "brancos do que o leite". É provável que isso se refira à ótima aparência física deles, e não a qualidades morais superiores. Os hebreus não eram brancos, mas tinham mais ou menos a cor dos árabes modernos. Os judeus de nossos dias foram clareados devido à mistura com europeus. Além disso, o corpo deles era "mais ruivo" do que os corais, e o rosto deles se parecia com safiras. Estamos tratando com expressões poéticas que falam de saúde e boa aparência, e não com descrições exatas de cor da pele. Eles tinham, por assim dizer, uma tez branco-avermelhada, o ideal nos países do Oriente. Cf. I Sam. 17.42 e Ecl. 5.10. Mas os babilônios estragaram a beleza e cortaram a vida dos jovens israelitas.

## 4.8

**Mas agora escureceu-se-lhes o aspecto mais do que a fuligem.** A beleza transformou-se em feiúra. O branco tornou-se mais escuro que o carvão, a cor da morte. Os poucos sobreviventes foram deixados a morrer nas ruas. Estavam feridos e esfomeados, com o corpo emaciado e a pele enrugada. Eram indivíduos ressecados, duros como a madeira. Estavam praticamente mumificados. Cf. Lam. 5.10. A principal referência é aos efeitos da fome, que dizimava os sobreviventes. Cf. Joel 2.6 e Nee. 2.10. "A pele deles estava gretada e enrugada; a carne estava endurecida; os ossos se tinham tornado como varetas, ou como um pedaço seco de madeira, pois a umidade e o tutano se ressecaram" (John Gill, *in loc.*).

## 4.9

**Mais felizes foram as vítimas da espada.** Se pudermos falar sobre a felicidade, então *felizes* são os que morrem devido ao golpe de uma espada. As vítimas da fome sofrem mais. Clamam por pão ou algum outro produto do campo, mas não os há; e, mesmo que houvesse, ninguém lhes daria dessas coisas. A espada só atravessa uma pessoa por uma vez. A fome, especialmente a dos feridos, é algo que se repete continuamente. A vida "fluiu" para fora deles gradualmente, que é o sentido literal do hebraico por trás de "se definham". O Targum tem uma nota horrenda aqui: "Mais felizes são aqueles mortos à espada do que aqueles que morrem de fome. Aqueles que são feridos pela espada têm seus intestinos derramados para fora de uma vez. Mas aqueles mortos de fome têm seus ventres inchados de fome. Seus ventres estouram por falta de alimentos".

## 4.10

**As mãos das mulheres outrora compassivas.** As mulheres, sobretudo as mães, que usualmente tinham gestos de compaixão e carinho com os filhos, agora usavam essas mesmas mãos para mergulhar os filhos em grandes vasos com água fervente, a fim de prepará-los como alimentos! Ver Lam. 2.20, onde vemos o canibalismo que ocorreu quando os babilônios cercaram Jerusalém por 30 meses. A história se repete, mostrando (até mesmo nos tempos modernos, entre os povos civilizados) que as pessoas que enfrentam a possibilidade da morte pela fome apelam para comer os semelhantes, mesmo que em sua cultura nada encoraje tal conduta. Que poderia haver de mais terrível do que o corpo de um filhinho a flutuar na água fervente de uma panela? Tais coisas aconteceram novamente quando os romanos assediaram Jerusalém no ano de 70 D. C., conforme informa Josefo (*Guerras dos Judeus* v.12). Cf. Deu. 28.56,57. "De cenas tão horríveis, é bom que as deixemos para trás o mais rapidamente possível" (Adam Clarke, *in loc.*, que comentou abreviadamente o vs. 10 e se apressou a passar adiante). Certa judia chamada Maria, por ocasião do cerco dos romanos de Jerusalém, matou seu filhinho, cozinhou-o em uma panela grande, comeu parte dele e deixou o resto guardado para uma refeição futura. Os endurecidos soldados romanos, que encontraram a parte do corpinho restante, encheram-se de horror diante do que viram.

## 4.11

**Deu o Senhor cumprimento à sua indignação.** A *Yahweh* foi dado o crédito por ter causado tais aflições, pois foi o juízo divino que reduziu Jerusalém a um

bando de animais, ou seja, os poucos que sobreviveram à matança e ao saque causados pelo exército babilônico. Foi Sua ira feroz que acendeu as chamas que incendiaram Jerusalém e até o templo. A cidade tornou-se um montão de ruínas fumegantes. A idolatria-adulterio-apostasia do povo judeu foi finalmente tratada. Cf. este versículo com Lam. 2.3. O incêndio da cidade foi registrado em II Crô. 36.19. Ver também Deu. 32.22 e Jer. 21.14. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus*. O local foi demolido de tal modo que até parecia jamais poder ser reconstruído. Mas um Novo Dia já se aproximava, depois que o juízo divino tivesse completado Sua obra. As chamas tinham por finalidade expurgar, e não meramente destruir.

#### Causas do Cerco (4.12-20)

##### 4.12

**Não creram os reis da terra.** Os habitantes de Jerusalém se consideravam *invencíveis*, e outro tanto pensavam muitos povos. Suas fortificações eram imensas. Foram necessários 30 meses para que os babilônios vencessem as defesas da cidade. Mas, quando romperam as muralhas, eles se precipitaram sobre as vítimas como uma matilha de chacais ferozes, que em breve tinham efetuado horrenda matança, assassinando jovens e velhos, homens e mulheres, indiscriminadamente. Jeremias tinha avisado ao povo que a cidade não era tão forte quanto o povo pensava, pois cairia na hora da provação. Ver Jer. 7.4 e 27.14. Mas os judeus preferiam ouvir a bela história dos falsos profetas que continuavam a falar em paz e prosperidade. Se vários inimigos tinham alcançado certa medida de sucesso contra a cidade, suas defesas tinham sido reconstruídas e aprimoradas, e havia suprimento de água garantido por um túnel subterrâneo. Ver II Crô. 32.2-5; 33.14. Esses elaborados preparativos atrasaram os babilônios, mas não os fizeram parar.

##### 4.13

**Foi por causa dos pecados dos seus profetas.** As inúmeras injustiças de Jerusalém (Judá), incluindo a execução de pessoas inocentes, o que encheu a cidade com o sangue delas, finalmente requereram a destruição do lugar, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. este versículo com Lam. 2.14. "Visto que os profetas e os sacerdotes, por sua orientação, eram culpados pelas condições da nação, eles eram, de fato, assassinos dos inocentes" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Os inocentes cujo sangue fora derramado viveram antes e depois do cerco babilônico. Foi uma questão assassina do começo ao fim. "Os seres mais miseráveis, sob a pretensão do zelo pela verdadeira fé, perseguiram e matavam profetas e sacerdotes genuínos, bem como o povo de Deus, fazendo o sangue deles ser derramado no meio da cidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver II Crô. 36.14. Cf. também Mat. 23.35-38 e Tia. 5.6. "Essas palavras apontam para incidentes como a morte de Zacarias, filho de Joiada (II Crô. 24.21); o sangue inocente derramado por Manassés (II Reis 24.1); e, provavelmente, outras atrocidades que não ficaram registradas, mas ocorreram durante o cerco. Contra a vida de Jeremias também foram feitas tentativas, mas sem êxito (Jer. 26.7). Os verdadeiros profetas eram vistos como traidores (Jer. 26.7)" (Ellicott, *in loc.*).

##### 4.14

**Eram como cegos nas ruas.** Os profetas e sacerdotes, tão cheios de violência e iniquidade, diziam-se iluminados, mas na realidade eram homens cegos, manchados de sangue, poluídos como leprosos, e se tornaram um nojo para todos ao redor. Este versículo parece salientar sua condição moral e espiritual antes do cerco, e então seus atos literais, quando o cerco os tomou de surpresa. "Quando a cidade foi conquistada, eles fugiram e, quais cegos, não sabiam em que direção ir; antes, ficaram vagueando de lugar para lugar, buscando um refúgio" (John Gill, *in loc.*). Cf. este versículo com Deu. 28.28; Jer. 23.12; Isa. 29.10. "Os homens não podiam tocar em suas vestes, pois estavam empapadas de sangue (Núm. 19.16)" (Fausset, *in loc.*).

##### 4.15

**Apartai-vos, imundos! gritavam-lhes.** Aqueles homens rudes foram tratados como leprosos. Ninguém queria aproximar-se deles e tocar em suas vestes que causavam nojo. Por isso gritavam para que se mantivessem afastados e chamavam-nos de imundos. Ver Lev. 13.45. Eles se tornaram como Caim, fugitivos e vagabundos na terra, párias, abandonados. "Deus dispersou os líderes de Jerusalém, pois eles haviam conduzido o povo ao pecado" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Aqueles assassinos fugiram de seus próprios compatriotas e se viram igualmente repelidos entre os pagãos" (Ellicott, *in loc.*). Ver Deu. 28.65.

##### 4.16

**A ira do Senhor os espalhou.** Não foram as condições adversas que espalharam aqueles réprobos. Foi o juízo divino contra eles que os tornou fugitivos. O

hebraico diz, literalmente: A "face de Yahweh" os dispersou. Foi o rosto de Deus, em carranca, que os assustou e os lançou em confusão e terror. Aqueles homens iníquos tinham caído na desgraça. E todos os homens passaram a evitá-los, pois estavam debaixo da maldição divina. Os homens não tinham mais respeito pelo ofício e pela posição deles. Eles tinham perdido tanto o favor divino quanto o favor humano.

**Nem se compadece dos anciãos.** As pessoas de idade avançada mereciam respeito, mas não agora. A palavra "ancião" substituiu o termo "profetas" para enfatizar o horror da situação. Aqueles em quem o povo tinha confiado agora não mereciam mais confiança e favor.

##### 4.17

**Os nossos olhos ainda desfalecem.** A cena agora muda de volta para o povo geral, pois o autor terminou sua diatribe contra a liderança de Judá. O povo em vão esperou alguma intervenção de último minuto, quando algum aliado os salvaria do exército babilônico. Mas essa ajuda nunca se concretizou. O povo tinha olhado para o Egito como esse aliado (ver Isa. 36.6-10; Jer. 37.5-10), mas os egípcios mostraram-se admiravelmente fracos na hora azada. "Tanto Jeremias quanto Ezequiel tinham advertido contra a futilidade de confiar no Egito como proteção (ver Jer. 37.6-10; Eze. 29.6,7). Essa falsa esperança só produziu uma amarga tristeza quando o exército babilônico, *mais rápido que as águas* (Hab. 1.8), finalmente capturou Jerusalém, perseguindo aqueles que tentavam escapar" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Outro golpe aplicado pela ignorância foi o ato de Joanã, que levou para o Egito os poucos sobreviventes de Judá, a fim de escapar de futuras atrocidades dos babilônios. Ver Jer. 43. Mas a ira dos babilônios os seguiu até o Egito, quando essa nação foi demolida, não muito tempo depois.

##### 4.18

**Espreitavam os nossos passos.** Jerusalém tornou-se como um animal caçado, e o caçador (a Babilônia) não lhe dava paz, perseguindo, matando e saqueando. Nenhum homem podia andar nas ruas, pois ali encontraria morte súbita. Os que se escondiam eram descobertos e mortos em seus lares. O dia de Jeremias estava terminado; os poucos dias que lhes restavam estavam numerados, e logo se acabaram. O fim deles tinha chegado. Este versículo pode referir-se especificamente aos ataques preliminares contra o povo, a partir dos fortes e das torres que eles haviam construído, de onde atiravam setas e lançavam mísseis em qualquer um que fosse tolo o bastante para vaguear pelas ruas.

##### 4.19

**Os nossos perseguidores foram mais ligeiros.** Estas palavras descrevem as tentativas de alguns para fugir da cidade, depois que a matança começou. Mas os que fugiram foram perseguidos e alcançados com flechas pelos soldados que tinham saído depois deles como águias velozes, efetuando ainda pior matança. Até mesmo os que se refugiaram nas colinas em torno de Jerusalém foram alcançados e executados sem tardança. Além disso, os babilônios também se achavam nos vales, de forma que ninguém conseguiu escapar. Eles eram onipresentes e assassinos. Pode haver aqui uma alusão à tentativa de fuga de Zedequias, seus familiares e dos nobres. Mas eles foram capturados nas planícies de Jerico. Em Ribla, os filhos do rei foram executados diante de seus olhos; e então Zedequias foi cegado e lançado na prisão pelo resto da vida. Os príncipes foram todos executados. Ver Jer. 52.7-9. Os babilônios eram especialistas do genocídio.

##### 4.20

**O fôlego da nossa vida, o ungido do Senhor.** O rei era o *comandante-em-chefe*, e foi aqui chamado de "fôlego da nossa vida". Diz a NCV: "aquele que era a nossa própria respiração". A referência é a Zedequias, que foi apanhado como um animal em uma cova. Eles haviam dito acerca dele: "Debaixo de sua sombra viveremos entre as nações"; mas ele não ofereceu nenhuma esperança na hora da provação. Ele tinha sido o ungido de Yahweh, uma referência à unção dos reis de Judá para o seu ofício. Ele parecia ter o favor de Deus, mas perdeu esse direito por causa de sua iniquidade e fraqueza. Quanto à unção dos reis de Israel, ver I Sam. 10.1; 16.1; I Reis 1.39-45 e II Reis 11.12. Quanto à tentativa de Zedequias escapar, ver Jer. 39.2-7. Descrevo o que aconteceu a ele e aos que tentaram fugir com ele, na última porção das notas do vs. 19.

##### 4.21

**Regozija-te e alegra-te, ó filha de Edom.** Visto que Yahweh tinha um pacto com Israel (Deu. 28-30), havia esperança de vindicação tanto contra a Babilônia como contra as nações que a tinham vexado ao longo da história. Os dois últimos versículos deste capítulo contrastam Israel com seu principal inimigo, Edom. O contraste ilustra como o juízo de Israel tinha por intuito operar retribuição, mas também a restauração final.

*Israel e Edom Contrastadas.*

|                                               |                     |
|-----------------------------------------------|---------------------|
| Condição Atual                                | Condição Futura     |
| Edom alegra-se diante da condenação de Israel | Israel é restaurada |
| Israel é punida                               | Edom é punida.      |

"Dentre todos os seus vizinhos, nenhum era tão odiado por Israel quanto Edom (ver Isa. 34.1-17; 63.1-6; Eze. 35.1-15; Jer. 49.7-22; Oba. 1-21). De acordo com isso, havia certa satisfação no pensamento de que em breve chegaria a vez de Edom ser destruída, e de que essa nação teria de beber da mesma taça de vergonhosa humilhação (cf. Jer. 25.15-29; Hab. 2.15,16). Aqui e em Gên. 36.28 (= 1 Crô. 1.42), Uz foi ligada a Edom, mas em outros lugares ela é variegadamente localizada" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Ver os nomes próprios no *Dicionário* quanto a detalhes. Edom se regozijaria por causa da queda de Jerusalém, mas o dia da destruição de Edom já se avizinhava, pelo que o seu dia de alegria teria pouca duração. Por isso foi dito: "Alegra-te, jovem, na tua juventude" (Eclesiastes 11.9). "O triunfo de Edom por ocasião da queda de Sião foi, tal como no Salmo 137, a tristeza coroadora do lamentador. Mas juntamente com essa tristeza houve uma visão do julgamento, que também é uma visão de esperança" (Ellicott, *in loc.*).

O profeta usou aqui uma de suas *metáforas favoritas*, o cálice amargo que intoxica e destrói. Judá teria de beber esse cálice de causar desgosto, mas logo chegaria a vez de Edom bebê-lo. Ver Jer. 25.17. Está em vista o juízo, e o cálice, falando-se finalmente, era o cálice de Yahweh, embora Ele utilizasse instrumentos humanos para fazer as nações sorver Seu vinho de ira. Ver também Jer. 13.12 e 49.7-22. Os que beberam do cálice ficaram embriagados, ou seja, foram totalmente vencidos pela ira de Yahweh. Em seguida, foram desnudados, para serem vistos e zombados por outros. O pecado deles os tinha encontrado.

## 4.22

**O castigo da tua maldade está consumado, ó filha de Sião. Bastante é Bastante.** A punição imposta pela Babilônia em seu ataque e subsequente cativoiro tinha realizado sua obra. A iniquidade fora punida, e o arrependimento fora inspirado por meio do julgamento. Cf. I Ped. 4.6. Os julgamentos de Deus são remediais, e não apenas retributivos. Em breve terminaria o exílio dos judeus na Babilônia. Haveria a restauração de Judá. O decreto misericordioso de Ciro enviaria de volta a Jerusalém um pequeno remanescente, e haveria um Novo Dia. Alguns estudiosos supõem que esta profecia se estenda à Era do Reino, sob o Messias, quando haverá acontecimentos revolucionários. Mas Edom cairia, e nenhuma promessa de renovação fazia parte do decreto divino. O oráculo de condenação de Edom (Jer. 49.7-22) também termina sem nenhuma nota de esperança. Assim operava a lei da colheita segundo a sementeira, ditada pela vontade de Yahweh. Cf. Oba. 4,15-18,20,21. Os pecados de Israel foram *cobertos* (perdoados e esquecidos), mas os pecados de Edom permaneceram expostos, pelo que os tremendos efeitos do juízo divino continuariam até que os edomitas desaparecessem da face da terra.

## Capítulo Cinco

### Quinta Lamentação: A Resposta do Remanescente. Confiança na Fidelidade de Deus (5.1-22)

Os capítulos 1-3 se encerram com uma oração, o que não acontece com o capítulo 4. E o capítulo 5 pode ser visto então como essa oração de encerramento. De fato, este capítulo é mais uma oração que um lamento, embora tenha muitos elementos de lamentação. Essa oração descreve que tipo de respostas o povo tem de dar para ganhar o favor de Yahweh. Em *primeiro lugar*, o povo, em humildade e arrependimento, deve buscar a Deus e pedir-Lhe que considere a miserável condição deles, a fim de que, na Sua piedade, Ele a reverta (vss. 1-18). Além disso, há a chamada de Deus para restaurar Judá (vss. 19-22). As bênçãos do pacto deveriam cumprir-se (Deu. 30.1-10).

"Neste poema, encontramos a oração da nação pedindo compaixão, e não uma lamentação autêntica. Na Vulgata Latina, o capítulo tem o título: 'Uma oração do profeta Jeremias'. O vs. 3 indica que o autor estava vivendo na Palestina, entre o remanescente que ficara na região. Ele se demorou nas suas condições miseráveis como base da compaixão" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Este poema final não emprega o *método acróstico* como os outros. Quanto a isso, ver a introdução ao Salmo 34.

## 5.1

**Lembra-te, Senhor, do que nos tem sucedido.** Se Yahweh lembrasse o Seu povo e visse sua condição de miséria, poderia deixar de lado Sua indiferença (ver

Sal. 10.1; 28.1; 15.3) e aliviar-lhe os sofrimentos. Esse é o tema principal dos vss. 1-18. Diríamos: "Isso já seria punição suficiente para seus pecados, e agora que se pense como eles seriam restaurados. O profeta já tinha observado que o Senhor nota tais atrocidades (Lam. 3.34-36). O Deus que vê e simpatiza também seria um Deus que age para mudar as coisas. Cf. o versículo com Sal. 89.50,51. Este capítulo repete os "ais" de Judá, à espera do remédio da compaixão de Deus.

## 5.2

**A nossa herança passou a estranhos.** Parte da *herança* dos judeus era a Terra Prometida, o lugar onde eles deviam viver. Mas era também o próprio Yahweh, a herança espiritual, o templo e seu culto que unia Judá e a tornava uma nação única. Naturalmente, Judá abandonou essa herança, tendo-se voltado para a idolatria-adulterio-apostasia. Ver Sal. 79.1, onde Israel é a *herança* de Deus. Está em vista aqui, particularmente, a herança física de Judá, o território, bem como suas casas, que eles tinham construído na Terra Prometida. Cf. Êxo. 23.30 e Lev. 20.24. Mas os babilônios tomaram essa herança. Eles são chamados de estrangeiros, destituído do direito de fazer o que fizeram, e certamente a Palestina não lhes pertencia, em sentido algum. Mas os pecados de Judá fizeram os judeus ser deserdados. A maioria das casas dos príncipes e dos oficiais foi incendiada (Jer. 52.13), mas mesmo assim havia edificações em número suficiente para abrigar os invasores. A herança da Terra Prometida era uma importante provisão do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18). Os apóstatas haviam abandonado o pacto, pelo que foram abandonados e sua terra foi entregue a estrangeiros.

## 5.3

**Somos órfãos, já não temos pai.** Os poucos sobreviventes judeus perderam, literalmente, seus pais, pelo que agora eram órfãos, e os poucos pais que sobreviveram perderam seus preciosos filhos. Poucas mulheres continuaram casadas, pois seus maridos foram mortos, e a maioria das mulheres casadas agora eram viúvas. As mulheres mais bonitas foram levadas para engrassar os haréns da Babilônia, e as mulheres não tão bonitas foram submetidas a trabalho escravo. Ademais, o Marido de Judá abandonou, desgostoso, o Seu povo, pelo que, espiritualmente falando, Judá foi deixada na viuvez. Em Israel, os membros da sociedade mais carentes eram os órfãos e as viúvas (ver os comentários sobre Lam. 1.1). Mas aquele versículo salienta, principalmente, a viuvez espiritual, que acabo de mencionar. Ver também Jer. 3.19 quanto a esse tema.

## 5.4,5

**A nossa água por dinheiro a bebemos.** O pescoço dos vencidos foi pisado pelas botas dos babilônios. (Vs. 5). Alguns pensam que a metáfora é o *jugo* adicionado pela Revised Standard Version. Perseguições e labor forçado macularam a vida dos poucos sobreviventes. "O poeta estava frisando a completa vassalagem e degradação do povo" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Essa servidão aumentou devido ao fato de que eles tinham de pagar pela água e pela lenha (vs. 4). Eles pagavam essas coisas com o trabalho, e vendendo ou negociando qualquer item de valor que tivesse restado, em troca de alimentos, água e lenha. "A perseguição e o medo seguiam-lhes os calcanhares (cf. Deu. 28.65-67; Eze. 5.2,12)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Cf. estes versículos com Sal. 66.12; Isa. 51.23 e Jos. 10.24. Essa questão de pagarem pelas necessidades básicas pode referir-se ao tributo forçado que foi imposto aos poucos judeus que restauram em Judá. Ou então tudo passou a ser taxado. Aben Ezra mistura as idéias dos vss. 4 e 5: "Se carregamos água ou lenha em nossas costas, o inimigo nos persegue; eles nos tomam os nossos haveres". Seja como for, os judeus foram forçados a trabalhar dia e noite, e não tinham descanso, nem mesmo nos dias de sábado. Portanto, o trabalho de uma semana deixava-os literalmente exaustos. Uma servidão do tipo egípcio tornou-se a maneira de vida dos sobreviventes.

*Eles nos fazem trabalhar duro como se fôssemos animais, com jugo no pescoço. Ficamos cansados e não temos descanso.*

(NCV)

## 5.6,7

**Submetemo-nos aos egípcios e aos assírios.** Os pais, que haviam pecado, "não mais existiam". Tinham deixado o palco da vida, mas seus descendentes eram *pecadores ativos*, como haviam sido seus pais, na época deles. A *idolatria*, naturalmente, é o principal pecado destacado, quer dos pais, quer de seus descendentes. Os que viveram no passado distante receberam formas de juízo da parte de Yahweh, e agora os que viviam nos dias de Jeremias deviam suportar o látigo babilônico (vs. 6). Alguns deles escaparam e foram para o Egito ou para o território da antiga Assíria. É possível que os dois nomes locativos (vs. 6) vissem

somente dar direções gerais: o Ocidente e o Oriente. Os que escaparam tiveram de trabalhar arduamente naqueles lugares, somente para sobreviver. Assim, não tinham uma vida fácil e satisfatória. Mas o vs. 6 é entendido por alguns eruditos como as *alianças* feitas com potências estrangeiras para garantir o simples suprimento de pão.

Além disso, a Assíria podia apontar para a Babilônia, pois esta ocupou os territórios essenciais da potência anterior. Nesse caso, está em foco a *servidão*. Os judeus trabalhavam como escravos apenas para continuar comendo e vivendo. Cf. este versículo com Jer. 50.15. Mas a referência ao Egito quase certamente diz respeito aos fugitivos judeus que se dirigiram ao local para escapar dos babilônios. Ver Jer. 52.14. O *sentido geral* é que os vários sobreviventes sofreram sortes variegadas, embora todas más. Desse modo, foram *severamente julgados*, por continuarem no pecado (especialmente a idolatria) de seus antepassados.

## 5.8

**Escravos dominam sobre nós.** Que o leitor acompanhe estes pontos:

1. É provável que aqui os *escravos* sejam os oficiais do governo babilônico, por serem apenas servos de Nabucodonosor. Alguns deles podiam ter sido escravos anos antes, pois não era incomum que os servos se elevassem a altas posições, caso mostrassem ser pessoas habilidosas. Cf. sobre Tobias, o escravo, em Nee. 2.10,19.
2. Alguns crêem que esses escravos não eram os oficiais, mas os escravos literais dos oficiais, que foram delegados para dirigir os judeus escravizados. "Escravos sob os governadores caldeus governavam os judeus (Nee. 5.15). Israel, que tinha sido um reino de sacerdotes (Êxo. 19.6), tornou-se um escravo de escravos, de acordo com a maldição de Gên. 9.25" (Fausset, *in loc.*).
3. Outra idéia aqui é que o restante dos judeus, em Judá, passou a ser governado por baixos oficiais de nenhuma potência especial, enviados pelos babilônios àquele lugar, que não merecia receber grane atenção.
4. Adam Clarke (*in loc.*) pensa que os soldados babilônios estão em vista, pois eles não eram muito mais que escravos do império.

## 5.9

**Com perigo de nossas vidas providenciamos o nosso pão.** Que o leitor acompanhe os seguintes pontos enumerados:

1. Quando Jerusalém caiu, alguns judeus fugiram para o deserto e tentaram manter a vida ali. Mas foram atacados pelas tribos beduínas, que se ressentiam da presença deles.
2. Ou então, ladrões, sabendo que havia fugitivos estabelecidos naquelas paragens solitárias, resolveram atacá-los, já que eles eram totalmente incapazes de defender-se. O simples fato de ficar vivo e comer tinha-se tornado uma aventura perigosa, tal era a turbulência daqueles dias.
3. Ou então os poucos sobreviventes que permaneceram em Judá (por não terem fugido) foram atacados por gangues errantes, tanto nos lugares onde viviam como nos lugares aonde iam em busca de suprimentos básicos. A expressão "espada do deserto" provavelmente refere-se aos assaltantes árabes, bandidos sanguinários do deserto que viviam errantes procurando qualquer oportunidade de mostrar-se maléficos. Cf. Jer. 40.14. Ver também Deu. 28.31.

## 5.10

**Nossa pele se esbraseia como um forno.** Que o leitor acompanhe os pontos seguintes:

1. O *trio terrível*, espada-fome-pestilência, quase aniquilou os judeus. Ver Jer. 14.12; 21.9; 24.10; 29.17; 38.2; 42.17 e 44.13. Aqui a fome é enfatizada. A agricultura do país foi destruída, tal como foram destruídos os agricultores, pelo que não havia suprimentos alimentares nas cidades. Os desnutridos judeus foram vítimas de várias enfermidades; e talvez a febre tenha sido destacada aqui como um dos miseráveis resultados da febre e da fome.
2. O *forno* aqui referido é o corpo, e não os ventos quentes que varriam a desolação, idéia que alguns estudiosos têm apresentado.
3. Ou então os ventos requieimantes devem ser entendidos como uma *metáfora* do forno. Condições climáticas agravavam a fome e faziam os famintos sofrer ainda mais. Concordando com a segunda dessas idéias, Charles H. Dyer (*in loc.*) disse: "A pele dos judeus era febril, devido à ausência de alimentos adequados (cf. Lam. 4.8)". "A fome resseca os poros, e a pele torna-se como se fosse sabrecada pelo sol (Jó 30.30; Sal. 119.83)" (Fausset, *in loc.*).

## 5.11

**Forçaram as mulheres em Sião.** O *estupro* sempre foi e continua sendo um procedimento padrão na guerra. Ter acesso fácil às mulheres de uma cidade capturada fazia parte do salário dos soldados. O saque é outra porção do *pagamento* dos que arriscam a vida. Homero diz-nos que os gregos, quando foram a Tróia para recuperar Helena, que tinha sido seqüestrada, entraram em um pacto

de que não retornariam à sua terra nativa sem terem estuprado alguma esposa troiana. Como é claro, eles fizeram isso por vingança, mas tal coisa poderia ter sido feita mesmo que a "causa" da guerra não fosse o seqüestro de Helena. Uma vez consumado o estupro, as mulheres selecionadas foram enviadas para engrossar os haréns da Babilônia. E as mulheres de beleza secundária tornaram-se escravas das damas babilônicas. A última parte do versículo mostra que as virgens não escaparam do estupro em massa. "Esse mal foi predito por Moisés (ver Deu. 28.30,32) e também por Jeremias (6.12)" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver também Zac. 14.2.

## 5.12

**Os príncipes foram por eles enforcados.** Que o leitor acompanhe os pontos seguintes:

1. Os que tinham liderado a rebelião contra a Babilônia receberam um tratamento destituído de misericórdia, como ser pendurados pelas mãos e ali ficar até morrer de fome ou de exposição às condições atmosféricas. Até os líderes mais velhos receberam tão desumano tratamento, pois a idade avançada deles não foi respeitada.
2. A crucificação não está em vista aqui, embora alguns tenham pensado nisso. Nem a impalação parece estar em vista, embora essa fosse uma forma comum de execução na época.
3. Alguns reduzem a desgraça a ter o corpo pendurado, para ficar expostos na presença de outros e para que as aves dos céus o comessem. Cf. I Sam. 31.10-12. Sabe-se que esse era um ato comum de humilhação aplicado por assírios e babilônios.
4. Se as *mãos* que figuram em algumas versões são as mãos dos babilônios, então estão em foco as atrocidades que eles praticaram contra os judeus. O *enforcamento* pode estar então em vista. "Era costume dos persas, depois de executar um homem, decapitá-lo e pendurar o corpo em um poste... (Heródoto, *Hist.*, lib.vi, cap. 30, lib. vii.c.238)" (Adam Clarke, *in loc.*).

## 5.13

**Os jovens levaram a mó.** Os jovens, e até mesmo meros meninos, foram submetidos a trabalho escravo, sendo postos a fazer funcionar a pedra de moinho ou a carregar pesadas cargas de lenha ou coisas parecidas. As guerras antigas eram sempre a principal fonte de trabalho escravo, uma importante atividade internacional. Hoje em dia as pessoas são reduzidas a "escravidão do salário", e não têm vida melhor que os escravos antigos. De fato, muitos assalariados vivem em piores condições que os escravos, pois pelo menos a maioria dos escravos antigos tinha o bastante para comer, o que não é o caso de muitos "escravos do salário". Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Escravidão* e também *Escravo*, *Escravidão*, quanto a descrições dessa prática desumana, que nunca morreu, embora tenha tido sua forma modificada. "Quanto à indignidade de moer, o trabalho de escravos e escravas, ver Jui. 16.21 e Isa. 47.2. A colheita de lenha também era trabalho de escravos e de mulheres" (Theophile J. Meek, *in loc.*). Cf. Jó 31.10.

## 5.14

**Os anciãos já não se assentam na porta.** Terminaram *todas as funções sociais normais*. Não havia mais comércio nem julgamentos nas portas da cidade, onde os anciãos eram proeminentes. Nem a música e a dança eram mais ouvidas e testemunhadas. Os lugares de assembleia, com qualquer propósito, foram obliterados, e não havia número suficiente de pessoas para reunir-se. Não existiam mais tribunais nas portas da cidade, onde um homem poderia apresentar suas queixas e ver corrigidas as injustiças. Além disso, já não havia número suficiente de pessoas para entrar em litígio. Nada havia para celebrar com música e danças, nem havia músicos que tocassem instrumentos musicais ou dançarinos que enfeitassem ocasiões festivas. Ver Jó 29.7,8.

*Embora Satanás esbofeteie, embora venham provações,  
Que esta bendita segurança controle:  
Cristo considerou nosso estado de impotência.*

(H. G. Spafford)

## 5.15

**Cessou o júbilo de nosso coração.** A alegria se azedou, e a dança perdeu o sentido, visto que quem dança exprime alegria. As lamentações eram a única atividade dos sobreviventes. "Não resta alegria em nossos corações. Nossa dança transformou-se em tristeza" (NCV). Cf. Jui. 21.21. O próprio contexto da sociedade judaica foi despedaçado. Toda atividade cessou. Os poucos sobreviventes que restaram lutavam desesperadamente apenas para sobreviver, mas a vida não era digna de ser vivida.

## 5.16

**Caiu a coroa da nossa cabeça.** Esta frase significa a perda da condição de nação. Uma nação inteira havia morrido. Os restos dela estavam sujeitos a um governo estrangeiro. Ver Jer. 13.18. Judá tinha deixado de ser uma nação. Os babilônios eram especializados no genocídio. O pequeno restante veria um Novo Dia, e a minúscula comunidade criaria uma pequena cidade-estado, que se transformaria novamente em nação. Mas isso só ocorreria no futuro. O presente nada era senão sofrimentos de um remanescente minúsculo e sem privilégios. Cf. este versículo com Jó 19.9 e Sal. 89.39,44. Tudo isso sucedeu por causa da idolatria-adulterio-apostasia que Yahweh precisou julgar a fim de purificar o povo de Judá.

## 5.17

**Por isso caiu doente o nosso coração.** *Corações desmaiavam* no meio da melancolia, e os olhos tiveram sua acuidade visual diminuída pelo choro constante. Era uma situação desesperadora, e a maioria dos atingidos morreu desse modo. Alguns poucos de seus filhos viram a restauração da nação. Cf. Lam. 1.22 e 2.11. Este versículo é um lembrete dos horrores listados e descritos nos vss. 8-15. Ver também Lam. 3.48,49.

## 5.18

**Pelo monte Sião que está assolado.** O coração deles estava desmaiado e os olhos estavam turvos de chorar (vs. 17), especialmente em vista da destruição e incêndio do templo, e do fim da glória do culto em Sião. Onde Yahweh era antes honrado, e onde peregrinos vinham para celebrar alegremente as festas anuais, agora somente feras, como os chacais, estavam presentes. Eles se tinham mudado, uma vez que o povo que podia lutar estava morto. Cf. esta declaração com Lam. 4.3. Ver também Isa. 35.7; Jer. 9.11; 10.22; 49.33; Sal. 63.10 e Mal. 1.3. Os animais passam a ocupar os lugares de onde o temor do homem foi removido.

## A Oração do Remanescente pela Restauração (5.19-22)

## 5.19

**Tu, Senhor, reinas eternamente.** Encontramos aqui a segunda parte do poema. Os capítulos do livro de Lamentação terminam com uma oração. É apropriado que o livro termine com uma nota de esperança, baseada na eterna soberania de Deus. Yahweh tinha feito um pacto com Seu povo, o que lhes dava a esperança de que o Seu poder eventualmente reverteria aquela calamidade.

Yahweh é tanto soberano quanto eterno. Ele permanece o mesmo e continua poderoso. Seu trono nunca perde os privilégios, como aconteceu ao trono de Judá (vs. 16). O poder e o governo de Deus continuam de geração em geração, nunca sofrendo uma perda. Judá baseou suas esperanças na restauração dos fatos divinos. Como um povo em pacto com Deus, eles esperavam que sua apostasia não tivesse anulado as promessas de Yahweh a Abraão (ver sobre *Pacto Abraâmico*, em Gên. 15.18). "O Deus de Judá é o único verdadeiro Deus. Ele é quem havia causado suas calamidades (Lam. 1.12-17; 2.1-8; 4.11). No entanto, esse mesmo Deus tinha poder de produzir restauração de Judá, se assim preferisse fazê-lo" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "A lamentação aproximava-se do fim, e o lamentador consolava-se no pensamento sobre a eternidade de Deus (Sal. 102.12); e, portanto, sobre a imutabilidade de Seu propósito de amor para com o povo" (Ellicott, *in loc.*). Diz o Targum: "A casa da Tua habitação está nos altos céus. O trono da Tua glória continua de geração em geração. Antes Tu nos amavas. Oh, que o Teu amor se renove para conosco!" (Adam Clarke, *in loc.*).

## 5.20

**Por que te esquecerias de nós para sempre?** Os sucessos do ataque babilônico e do cativeiro subsequente indicariam que Yahweh não permanecia indiferente, mas, antes, estava *brutalmente presente* para danificar e destruir. Por quanto tempo isso sucederia? Alguma coisa restaria? Yahweh golpeou furiosamente e então se afastou. E nada fez para curar o ferimento. Ele esqueceu Judá, deixando-o em sua miséria. Ele abandonou Sua herança. Moisés falou sobre Deus a lembrar-se de Seu pacto, *caso* o povo confessasse os seus pecados (Lev. 26.40-42). Isso aconteceria nessa situação desesperada? Haveria restauração após os 70 anos de miséria, conforme o profeta disse que sucederia (Jer. 25.11,12)? Nesse caso, somente os filhos dos lamentadores veriam o Novo Dia.

## 5.21

**Converte-nos a ti, Senhor, e seremos convertidos.** A esperança de restauração inspira o apelo final: "Restaura-nos para Ti, ó Yahweh, para que sejamos restaurados" (Revised Standard Version). O povo esperava pelas bênçãos prometidas dos antigos pactos e ansiava por ver os dias antigos restaurados. Eles anelavam abandonar sua idolatria-adulterio-apostasia, que tão caro lhes havia custado. Cf. Lev. 26.40-45 e Deu. 3.1-10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*. Poderiam as promessas do pacto reverter a melancolia? "Vamos recuperar nosso país, nosso templo, e todos os ofícios divinos de nossa fé. E o mais importante é que recuperemos o Teu favor" (Adam Clarke, *in loc.*). O Targum lembra-nos do *arrependimento* que deve acompanhar tal esperança e adiciona que o retorno deve ser para o "bem". Cf. o versículo com Sal. 80.3 e Jer. 31.18.

## 5.22

**Por que nos rejeitarias totalmente?** O clamor do povo judeu, que tinha subido aos céus, pedindo restauração, agora desce de novo ao vale do desespero. Ali estava sendo experimentada a rejeição de Yahweh, e a esperança começava a dissipar-se. A ira de Deus é vista a operar, e aparentemente continuará para sempre. A presente realidade obscurece as esperanças relativas ao futuro. O livro termina de maneira sombria. Os judeus, em tempos posteriores, quando liam este capítulo final, sempre reverteriam os vss. 21 e 22, a fim de que a leitura terminasse com uma nota de esperança. O mesmo tratamento era dado à leitura das porções finais de Isaías, Malaquias e Eclesiastes, e pela mesma razão. A esperança é uma das três grandes realidades espirituais (ver I Cor. 13.13), pelo que continuemos esperando.

*O ocaso de uma grande esperança é como o ocaso do sol. O brilho de nossa vida desaparece.*

(Henry W. Longfellow)

*A esperança surge eterna no peito humano.*

(Alexander Pope)

"Que podemos dizer sobre a fácil vida religiosa que levamos, neste nosso terrível mundo? Deus seja louvado que a agonia temível deste livro não seja nossa" (William Pierson Merrill, *in loc.*).

Assim termina uma das mais sombrias composições literárias de todos os tempos. A esperança, porém, não tinha morrido. Recebeu glorioso e novo poder no evangelho de Cristo.

*... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.*

(I Pedro 5.7)

A Fonte

*O desespero, a dor, a chaga aberta,  
Para as angústias todas deste mundo!  
Vem, alma aflita, de sentido alerta;  
Vem, peito triste, em seu sofrer profundo.  
Tragas as misérias, a tua fé incerta.  
Em tuas mágoas, é que me confundo,  
Porque minha alma de sofrer desperta.  
Vem, coração magoado, vem buscar comigo  
O lenitivo de um suave abrigo.  
Que impressivo, eu também supus.  
Alguma coisa há que tal sofrer isola.  
Vem, vem que verás que tudo o que consola  
Vem da fonte divina, que é Jesus.*

(Camilo Flamaron Pires - Guaratinguetá,  
SP, Brasil, 17/06/1973)